

EX-LIBRIS

BORBA  
MORAES

RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

W

Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



**MODULAÇÕES**

**POÉTICAS.**



# MODULAÇÕES POÉTICAS.

PRECEDIDAS DE UM

BOSQUEJO DA HISTORIA DA POESIA BRÁSILEIRA,

PER

Joaquim Norberto de Souza Silva.

~~~~~  
Est quædam prodire tenus, si non datur ultra.  
HORATIUS.  
~~~~~



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA FRANCEZA, RUA DE S. JOSÉ N. 64.

1841.



## ALGUMAS PALAVRAS SOBRE ESTE LIVRO.

E' vindo do berço da infancia, n'este momento em que todas as attençaens se absorvem no pelago da politica; n'este momento em que a mediocridade, a intriga, a immoralidade, o egoismo, a corrupção, a irreligiosidade e o desamor da patria cavam abysmo á patria; n'este momento em que uma indifferencia de morte peza sobre a litteratura nacional, e com desprezo se olha para os litteratos, que ousamos de lançar a luz publica algumas paginas de poesias que, talvez, como folhas despégadas de seus peccios, tenham de se perder ao meio do turbilhão dos partidos que se debatem, ora vencidos e se esforçando por vencerem, ora vencedores e entoando o hymno de seu triumpho, que se mescla com os gemidos da patria!

A publicação d'este livro não é um mero desejo de apparecer em publico como auctor; não é uma presumpção de adquirir um nome nos annaes litterarios, como parecerá a certos espiritos invejosos, que nada são, que nada valem, que nada fazem, para que se não possa jul-

gar do gran de seu merecimento e prestimo; espiritos que tudo desfiguram, que tudo invertem, e que envenenam os mais religiosos e puros pensamentos! A publicação d'este livro é uma tentativa, um primeiro voo de quem deseja de voar muito, e que bem conhece o que pode lucrar com elle, é ter um meio facil que o conduza ao fim de seus desejos, uma recommendação, embora quasi nulla per si mesma o pelas circumstancias actuaes, que lhe abra as portas da sociedade e lhe facilite a marcha na arena da litteratura. A temoridade exitou per momentos em sua publicação, mas resolveu-se a final, involvendo o seu titulo no veo da modestia, como que implorando a indulgencia dos sinceros censores, como que dizendo: nós principiamos pobres e desconhecidos, como os rios em suas origens; — sede indulgentes! Com o apartarem-se de suas nascentes os rios se entumecem, colhem tributos em sua marcha e ao cabo assombrosos se tornam; — sede indulgentes! Não ha regato que longe de sua fonte não corra mais abundante, nem rio assombroso que em suas cabeceiras não seja mesquinho; — sede pois indulgentes!

No berço da infancia, emballado ao som d'essas antiquadas ballatas, xacaras e solaus; ouvindo os cantos de um Bernardim Ribeiro, de um Rodrigues Lobo, de um Gonzaga, de um Silva Alvarenga: nutrido em nossa puerdade com a leitura dos auctores sagrados da Biblia, dos vates da airosa Lusitania, dos poetas da nobre França, dos cysnes da escravizada Italia, dos cantores da presumida Hespanha, dos bardos da vaidosa Inglaterra; nos estasiando ante o expectaculo maravilhoso da natureza, ante essa abobada de saphyra, esmaltada de estrellas de ouro; com o coração palpitando por tudo quanto é grande, su-

blime, util e bello; sentindo rolar em nossa phantasia turbilhoens de imagens poeticas e cadencias, conhecemos que eramos poeta, que haviamos nascido para cantar a patria, a religião e a natureza, para viver submerso em ondas de poesia, exhalando poesia, como o sol nadando em oceanos de luz e vertendo oceanos de luz: e embriagado per esse aroma, que não é da terra mas do ceo, enlevado per essa harmonia, que não é dos homens mas dos anjos, deixamos nos levar per esse

. . . . . anjo celeste,  
Que da vida os tormentos acalma, (\*)

pela poesia e tam somente pela poesia; e damos de mão as puerilidades e trivialidades da vida.

Poeta, maniaco, aliênado, como os nossos nos cognominam, gostando de deixar-nos arrebatado das inspiraçoens poeticas de nossa infancia, das inspiraçoens de nossa candida paixão, quando dous olhos ternissimos nos fallando eloquentes uma linguagem toda doçura nos ia meigamente embebendo essa

. . . . . amorosa chamma,  
Que uma alma faz captiva e outra senhora, (\*\*)

ora procuravamos a solidão dos bosques, para gozarmos dos canticos das aves, ou assentados sob um salgueiro chorão, com a cabeça curvada e os olhos fitos n'agua, fruindo o prazer da dor da tristeza, deixavamos nos repassar de melancholia; ora de sobre a borda d'esse lago tranquillo,

Que no cerulcar das mansas aguas  
Symbolisa a innocencia,  
Como pupillas de celestes virgens,

levando a vista pela sua superficie serena e assetinada,

(\*) Magalhães, *A belleza.*

(\*\*) Caminha, *Epístola a Ferreira.*

com o coração pejado de sandados ou mandavamos um suspiro a um irmão ausente, ou um adeus a um amigo distante, ou ao lado de um companheiro colhíamos uma flor, que depositavamos em seu peito, dando-lhe o abraço da despedida; ora de sobre as montanhas, ou gozavamos do espectáculo da natureza, ou consideravamos na grandeza futura da patria, ou subiamos nossa alma ao Senhor por ella, por ella tam somente, ou saudavamos ao dia da commemoração do triumpho de sua independencia; ora encostados a urna depositaria das cinzas da auctora de nossos dias, da mulher, cujo coração primeiro palpitou por nós, cujos olhos se faziam lagrymas quando a dor nos apunhalava, ou assistindo, alta noite, a agonia de uma irman cara, nos resignavamos com a esperança de uma vida mais real, menos precaria, de um futuro menos duvidoso que o presente, e sempre despertando em nossos extasis poeticos per uma voz que nos recorda, não da aproximação do futuro da realidade, essa vida do alem tumulo, mas da aproximação do futuro do sonho, essa vida do aquem tumulo; per uma voz que nos brada que retrocedemos da carreira que levamos, quando de lá do portico da gloria se nos accena e se nos animã; per uma voz que nos ameaça, que prediz nossa queda antes de alcançada a desejosa meta, apontando para o quadro da historia da nossa litteratura dos passados annos; — é esse fim desastroso de nossos homens de genio; apontando para o quadro da epocha em que vivemos, que tam real se nos apresenta; — é esse despreso que preme os nossos litteratos, essa indifferencia que peza sobre a unica litteratura da America meridional; essa hydra, cujas cabeças são a mediocridade, a intriga, o egoismo, a immoralidade, a corrupção, a irreligiosidade e o desamor da patria, se agitando

em todos os angulos do imperio, entoando a celeuma da anarchia e impedindo o engradecimento da nação; esses centauros da anarchia nos labyrintos da rebelião ao sul e ao norte, que devoram os filhos da patria e consomem suas riquezas! — E sempre ouvindo essa voz e sempre progredindo!

Partos de nossa infancia e puberdade são pois estas *Modulaçoens poeticas*, que ousamos de entregar a luz publica, certos da indulgencia de nossos compatriotas. O acolhimento que d'elles esperamos, não obstante a politica absorver todas as attençoens, nos animará a proseguir na começada marcha, e brevemente viremos depor novas offertas, mais puras oblaçoens de nossa alma.

Mais uma palavra sobre o trabalho que precede as nossas *Modulaçoens poeticas*; — satisfacção as pessoas de senso; — desprezo aos nossos invejosos detractores.

Quando compozemos e fizemos publicar o *Bosquejo da historia da poesia brasileira*, que julgamos appropriado dar per introducção ás *Modulaçoens poeticas*, bem longe estavamos nós de prever o acolhimento que se dignaram de dar-lhe algumas pessoas, respeitaveis pelos seus talentos e conhecimentos, e ainda mais longe estavamos nós de prever tanta injusta critica, tanto sarcasmo por havermos illiminados de nossas paginas centenares de contemporaneos, poetas da dilecção de nossos detractores. Ora na acceleração com que compozemos essa obrinha, fructo de seis noites, em que para desenfado nos propozemos escrevel-a, passando em revista os apontamentos que temos para uma obra do mesmo genero, porem muito mais extença, da qual ja publicamos alguns fragmentos, que

muito que nos esquecemos de alguns contemporaneos dignos de consideração, tendo nos esquecido de auctóres ja fallecidos e não coevos? Mas nem se diga que grande foi nossa omissão, nem se nos faça de tal um erro, uma culpa. Si involuntariamente a commettemos, a desculpa é admissivel; si voluntariamente, não o foi sem razão, e a desculpa não é menos admissivel que no caso precedente. Como critico, somos independente, julgamos em nossa consciencia; elogiamos, censuramos ou desprezamos os poetas e suas obras segundo o merito d'estas e a capacidade d'aquelles. E de mais apontando os representantes das diversas phases, que offerece a historia de nossa poesia, temos cumprido com nossa obrigação, preenchido o fim a que nos propozemos: o esboçar essas phases, a que chamamos epochas.

Rio de Janeiro, outubro de 1841.



# **BOSQUEJO**

DA

**HISTORIA DA POESIA BRASILEIRA.**



AO DECANO DA LITTERATURA NACIONAL,

A UM DOS HEROES DA INDEPENDENCIA DO BRASIL,

*O Ill.<sup>mo</sup> Rev.<sup>mo</sup> Snr.*

**Januario da Cunha Barboza,**

*Conego e Pregador da Sancta Igreja Cathedral e capella imperial; Official da ordem imperial do cruzeiro, e commendador da de Christo; Arcade Romano, Socio correspondente do Instituto historico de França e Honorario da Sociedade Pólitechnica pratica, Secretario perpetuo da Sociedade Auxiliadora da industria nacional e do Instituto brasileiro, e um de seus fundadores; Chronista do Imperio; Bibliotecario da Bibliotheca nacional; Professor jubilado de Philosophia racional e moral da cadeira da côrte e examinador do Sêminario episcopal de S. José.*

D. O. C.

*J. N. de S. S.*



# I.

## INTRODUÇÃO.

De todos os povos americanos é sem exageração alguma o brasileiro o mais digno da vencção dos estrangeiros. O primeiro que conheceu a necessidade de sua independência, que intentou per vezes sacudir o jugo da escravidão e constituir-se nação livre e independente, foi também o primeiro que ensaiou-se nos diversos ramos da litteratura. Ainda não eramos nação e já tinhamos historiadores, que memorassem as glorias da patria, e poetas que celebrassem as victorias de seus concidadãos, recommendando seus nomes e feitos á posteridade; ainda não eramos nação, mas uma colonia avexada pelo captivo, onde a instrucção era um delicto e os livros expressamente prohibidos, e da patria tau somente o nome conhecido pela fama das producçoensselectas de suas magestosas mattas, pelos diamantes de seus serros e preciosos metaes de suas minas; enfim pela doçura de seu clima pela belleza de seu ceo e fertilidade de seu terreno, cortado pelos maiores rios do mundo, e já possuamos uma litteratura, sinão legitimamente nacional — que raras o são —, ao menos em parte, e que ao prezente constitue-nos como nação litteraria uma das primeiras das duas

Americas e a unica da meridional. Abra-se a historia do Brasil; eis-ahi a cada pagina uma facção brilhante, eis-ahi a cada periodo um povo maguanimos, apesar da escravidão que o opprime, arrancando um brado heroico, dando um signal de sua existencia! Si estrangeiros ousam de invadir as terras da patria, hardidos são os primeiros que se apresentam para rechaçal-os. Os nomes de um bravo D. Antonio Felippe Camarão, de um intrepido Rabellino, de um impavido Negreiros, do hum corajoso Henrique Dias, de dous terriveis Martin-Affonsos, de um forte Jorge de Albuquerque Coelho, a quem as grandes emprezas tanto enthusiasmavam, que se deixou arrastar pelo seu mau fado ás campinas ensanguentadas de Alcacerquiver, de uma valente fluminense, como fôra D. Maria Ursula de Abreu Alencastre, de uma brava pernambucana, como se mostrára D. Clara Felippa Camarão, de uma destimida paulistana, como se distinguira D. Rosa Maria de Siqueira, e de tantos outros valerosos Brasileiros, estão ligados aos mais memoraveis acontecimentos, que esmaltam as laudas de nossa historia e eternisados em versos de ouro per nossos melhores poetas.

Antes que vencidos fossem pelos conquistadores portuguezes, per um punhado de heroes saídos de um cantinho da Europa os selvagens brasileiros, cujo Deus era *Tupá*, essa excellencia, essa potencia espantosa, que lhes fallava pelo *tupaçununga*, que era o trovão; que se lhes revelava pelo *tupaberaba*, que era o relampago; cujo templo eram as magestosas florestas, elevavam-se á cima dos povos americanos pela sua imaginação ardente e poetica. As incantadores scenas, que em quadros portentosos offerece a natureza per todos os sitios de nossa patria, os inspirava, e de povos rudes e barbaros os faziam povos poetas. Os Tamoyos, que habitavam o Rio de Janeiro, os Tupinambás que em costumes a elles se assimilhavam, e os famosos Caethés, sempre que voavam a guerra, antes que o canglor horrivel das guerreiras *inúbias*, os sons confusos dos *marukas*, e suas hor-

risonas vociferações, cadenciasssem o hymno da guerra, annunciasssem o combate; antes que inflammadas as suas settas levassem a morte aos contrarios e o incendio as suas tabas, recebiam inspiraões de valor e de constancia pelos canticos de guerra que celebravam seus Tyrteus aos sons de suas *murémurés*, e quando a victoria lhes era propicia, cançoens de gloria lhes voavam d'entre os labios. Conquistados, submettidos ao jugo, desappareceram de sobre a face da terra, como desapparecem as naçoens **bellicosas**.

Então vieram novos Brasileiros filhos dos conquistadores portuguezes; que bem que inspirados pelas picturesque payzagens brasílicas, pelo ceo dos tropicos, pelo sol fulgente da America não os souberam cantar. antes exemplo abriram, que por desgraça seguido foi per longo tempo. Quando deviam se apoderar dos patrios costumes, das usanças e dos preconceitos populares, das tradicçoens das tribus, que as nossas florestas povoaram, com que dessem cores e feiçoens nacionaes á poesia, abraçaram as ideias do grego polytheismo, que ás nossas praias abordaram com as armas portuguezas; deixaram-se fascinar das bellezas dos gregos e romanos poetas, e imitar prochraram de Camões, de Bernardes, de Caminha, de Fernão Alvares do Oriente e tantos outros bucolicos portuguezes, e metamorphoseados em pastores iam ás margens de Tejo, do Mondego ou do Douro, pascer seus rebanhos! Falta de reflexão, erro gravissimo, que tanta quebra dá em suas melhores composiçoens! Mas nem todos; alguns houve, si bom que em diminuto numero, que admiradores das acçoens gloriosas, que illustram as paginas de nossa historia, cantaram, e cantariam como o vate lusitano, não movidos de premio vil mas pelo amor da patria, sem almejar outro galardão sinão a gloria. E d'esses cantos, inspirados pelos mais nobres assumptos, movidos pela mais heroica paixão, dignos dos premios que ambicionavam seus auctores, raros chegaram a nossos dias, at-

travessando as ondas de tam ditados annos ! Todo este mal omnia da tyrannia que sobre a patria imperou; colonos, como eramos, não podiamos estabelecer. como aliante veremos, officinas typographicas, que multiplicassem as copias das obras devidas á penna de nossos auctores: embalde se procurará hoje pela *Brasilia*, per esse poema, cujo assumpto é a primeira pagina da historia da conquista do Brasil ! Embalde se buscará os preciosos manuscriptos de outros muitos illustrados Brasileiros. Todos esses ensaios, todos esses esforços de um povo que ja na infancia se dava ao cultivo dos diversos ramos da litteratura, e luctava com a hydra da invasão hollandeza, bareteando com tam denodados guerreiros a vida pela liberdade, e o mais é, vencendo-os, derrotando-os e exterminando-os, se perderam ao meio das trevas da ignorancia; as raras publicadas, em tam pequeno numero de exemplares o foram, que poucas chegaram aos nossos dias.

Releva ainda notarmos a mania que dominou os nossos poetas e que não deixa de ser fatal á nossa litteratura pois que de algumas obras a defraudou.

Antes que o jugo de ferro dos tyrannos Philippes subjugas-se a Lusitania, poetas e escriptores houve, bem que em não notavel numero, que surdos aos brados de Ferreira, escreveram em estrangeiros idiomas e principalmente no castelhano, como ninguem ignora pelas obras que o comprovam; porém depois que Portugal sentiu o pezo dos grilhoens, que lhe lançara a prepotencia hespanhola, e viu domado o valor de seus soldados e cabos, portuguezes appareceram, — aliaz benemeritos ! — que não se envergonharam de honrar a lingua de seus oppressores, menos rica e suave do que a sua; — falha de patriotismo, falha vergonhosa de pundonor nacional !

E essa epidemia, que no pobre e envilecido Portugal grassava, não deixou de accommetter aos poetas brasileiros. Ver-

dade é que dous ou trez de nossos auctores em castelhano compozeram, mas outros vieram que acharam que se lhes não levaria em mal o escrever em diversas linguas, como Claudio Manuel da Costa, que cabalmente conhecendo o portuguez, brindou per vezes o italiano com bonitas cançonetas e sonetos; como Manuel Botelho de Oliveira, que querendo dar provas de saber portuguez, castelhano, latim e italiano deu á luz um volume de poesias n'estes idiomas escriptas, a fim de estimar-se, quando não pola elegancia dos conceitos ao menos pela multiplicidade das linguas! (\*) E como outros muitos que se entregaram de todo ao latim, olvidando-se de honrar o portuguez com as suas composições, por ir augmentar o exercito de latinos poetas, e alguns sabe Deus como!.....

Hoje, por ventura, essa mania, esse pedantismo dissipou-se com os brados do celebre Francisco Manuel, mais activos e fortes que os de Ferreira, e feliz de nós si os deuses do paganismão não mais inspirarem aos poetas de nossa patria! Por ventura não nos approximamos a essa epocha? O genio fluminense, o auctor dos *Suspiros poeticos e saudades*, ja deu o signal para a reforma. Com o seu estandarte elle marcha a frente da esperançosa mocidade brasileira, bradando-lhe: « — A vante, que a posteridade é nossa! — » Chefe de uma revolução toda litteraria, elle marcou nos annaes da litteratura do novo mundo uma epocha brilhante de poesia.

Dando de rosto a esses auctores de estrangeiras obras, passaremos os olhos pelos passados tempos, mencionando os auctores que mais se distinguiram, esboçando rapidamente a biographia de cada um e analysando as suas obras. Mas antes de entrarmos em tam penoso trabalho, confessamos que sobre muitas obras não emitiremos o nosso juizo, por não nos ser possível obtel-as não obstante os grandes esforços per nós feitos.

(\*) Veja-se prologo da *Musica do Parnaso*.



## II.

### PRIMEIRA EPOCHA.

DESDE O DESCOBRIMENTO DO BRASIL ATÉ FINS DO XVII SÉCULO.

O XVI seculo do descobrimento do Brasil tinha-se passado na fundação de colonias e em porfiadas luctas entre os possuidores do payz e os conquistadores, que segundo a bella expressão do historiographo brasileiro, Rochapitta, tiveram que conquistar palmo a palmo terras que se lhes haviam doado a leguas. Os jesuitas, que com o estandarte da civilisação e emblema da Redempção do mundo chamaram ao gremio da Religião Christan tantos milhares de Brasileiros, que involtos viviam nas trevas da ignorancia e do paganismo, os jesuitas haviam estabelecido alguns collegios e começado a diffundir as luzes da instrucção. A musica e a poesia manejasdas sabiamente per elles, assaz influiram na civilisação e cathequese das differentes tribus brasilicas e principalmente das dos Tupinambás, dos Tamoyos, dos Caethés, dos Carijós, e dos Guaranyes, musicos, poetas e dançarinos a um tempo. Com a luz do XVII seculo, em que o Brasil, cingido ainda com as faxas da infancia, teve que esmagar a hydra da invasão hollandeza e batalhar por sua liberdade, alguns litteratos appareceram, mas os

desvarios de Gongora e do Marino tam applaudidos ontão na Hespanha e na Italia começaram do ser imitados pelos Portuguezes. A poesia tornou-se insipida com a abastança de antitheses a cada verso, de trocadilhos a cada phrase, do *concetti* a cada estrophe; e este mal, quo tanta quebra dá ás melliores composiçõens dos poetas portuguezes d'esta epocha de mau gosto, não deixou de accommetter os nossos !

O primeiro de nossos litteratos, segundo a ordem chronologica que observamos, é Bento Teixeira Pinto, nascido nos ultimos annos do XVI seculo em Pernambuco, auctor do *Dialogo das grandezas do Brasil*, manuscripto nunca publicado, que Antonio de Leão, (\*) e o abbade Barboza, (\*\*) nos asseguram conter ricas e importantes noticias assim da corographia como da historia do Brasil; de um poema intitulado *Prosopopeia*, dirigido a Jorge de Albuquerque, seu compatriota, e da *Relação do naufragio*, que soffrera tam valente Pernambucano, no qual tomou parte o nosso auctor. De todas as suas obras apenas podemos ver esta ultima, e o unico merito que lhe damos é o ser ella producção do mais antigo litterato do Brasil; o estylo é chão e pecca por falta de concisão; a muita redundancia de que se acha solrecarregado assaz entorpece a leitura; a dicção é pobrissima, e o auctor parece conhecer melhor que ninguem os seus defeitos, pois que no prologo diz :

« — Não olhem as palavras que são as que são. — »

A pos esto vem Gregorio de Mattos, grande satyrico que nascera na Baía, em abril 7 de 1623, e fallecera desgraçadissimo em Pernambuco, no anno de 1697. Sua vida é um complexo de excessos e extravagancias, e por ventura dramatica. Foi prodigioso na satyra, mas ao cabo rara deixou-nos que digna seja de ler se: obscenidades, phrases bordalengas an-

(\*) Leão, *Bibliot. geogr. tom. III. tit. unic.*

(\*\*) Barboza, *Bibliot. lusit tom. I. pag. 312.*

dam de envolta com seus versos: com tudo seu estylo é simples e corrente, e iscripto d'esses trocadilhos e antitheses, com que os poetas seus contemporaneos horrifaram suas obras, pois que não era para affectações, mas todo natureza, todo satyrico, si bem que infelizmente um satyrico todo indecencia. As satyras *Os costumes da Baía* e *O retrato de um personagem*; os epigrammas *O musico espancado* e *O livreiro golotão*, são as composições que ler-se podem, que ainda assim seus si-noens teem que se lles note.

Manuel Botelho de Oliveira e Bernardo Vieira Ravasco, natu-raes da Baía; — um nascido em 1636 e fallecido em 9 de Janeiro de 1711, — outro nascido em 1638 e fallecido em 20 de Julho de 1697, — este illustre nas armas, intrepido def-fensor da patria, honrado e irmão do eximio Antonio Viei-ra; — aquelle instruido nas linguas portugueza hespanhola italiana e latina, — gozaram de muita popularidade na cidade da Baía, e foram os predilectos do marinismo e gongorismo. E pensavam elles que barbarizando a indole do elegante idioma luso, inchando o estylo de hardidas metaphoras, accumuladas umas sobre outras, tinham desempenhado os preceitos da ver-dadeira poesia, e tornavam se merecedores da coroa de perfeitos poetas! Que de mais pedante, que de mais pueril haverá, que não sejam esses sonetos, madrigaës e sylvas de Botelho de Oliveira, derramadas ás maens cheias pelas paginas de sua *Musica do Parnaso* (\*), composta de versos portuguezes, italia-nos, hespanhoes e latinos.

Versos sem alma e so no nome versos?

Eis aqui dous de seus madrigaës, cheios d'essa poesia da

(\*) *Musica do Parnaso dividida em quatro choros de rimas port. cast. ital. e lat., com seu descante comico reduzido a duas comedias.* 1 V.º in-4.º Lisb., 1705.

epoca, e per elles se ajuize do resto de sua obra, quo quejanda é, com pouca excepção :

E' meu peito navio ;  
 São teus olhos o norte ;  
 A quem segue o alvedrio  
 Amor piloto forte ;  
 Sendo as lagrymas mar ; vento os suspiros ;  
 A venda vellas são : remos seus tiros.

Foi no mar de um cuidado  
 Meu coração pescado ;  
 Anzocs os olhos bellos,  
 São linhas teus cabellos,  
 Com solta gentileza  
 Cópido pescador, isca a belleza.

João Mendes da Sylva, pae de celebre Antonio José, nascido no Rio de Janeiro pelos annos de 1650 a 1660 e fallecido em Lisboa em 1736, auctor do *Christiados*, poema em honra de Jesus Christo, de *Hero e Leandro*, adquiriu reputação de excellentc poeta, o que ignoramos si com justiça, pois que de suas obras apenas os titulos conhecemos.

### III.

#### SEGUNDA EPOCA.

DO COMEÇO ATÉ MEIADO DO XVIII SÉCULO.

Do começo do XVIII seculo até o meiado , o gongorismo e marinismo em seus paroxismos faziam ainda sentir os seus effeitos, e as lettras começaram de renascer, e pouco e pouco se foi reconhecendo o erro do passado seculo, e os litteratos por fim se enojaram d'essa poesia ruim e affectada. Appareceram alguns poetas; eximios oradores honraram o pulpito; o Brasil viu a sua historia narrada per um filho de suas mattas, e fundou-se na Baía a *Academia brasilica dos esquecidos* sob os auspicios do vice-rei, D. Vasco Fernandes Cesar de Menezes, entusiasta das bellas lettras. A essa academia pertenceram distinctos Brasileiros e dous d'entre elles gozaram de credito de poetas. Foram estes João Brito de Lima e o presbytero João Gonçalves da França, ambos naturaes da Baía.

João Brito de Lima, nascido em 1671 e fallecido em 1700, foi, sem duvida alguma, de nossos auctores o que, até esta epocha, maior numero de obras compozera, mais nem todas se publicaram, nem seus assumptos foram bem escolhidos;

pueris como são as geneologias e necrologias de fidalgos e as descripções de festividades para merecerem as honras da verificação, sobreviver não poderam a seu seculo. (\*) D'entre as que nunca se imprimiram tomos noticia do poema *Cesarea*, composto de mil trezentas oitavas, talvez a menos pueril, a mellhor de suas producções.

João Gonçalves da França nasceu em 1689 e quanto a nós foi de todos os nossos poetas d'esses tempos de que nos hemos occupado o que mais digno assumpto escolhera para a composição de uma epopeia; e a sua obra tocou o seu fim e não foi publicada! Fallamos da *Brasilia*, poema do descobrimento do Brasil per Pedro Alvares Cabral, do qual lera o primeiro canto n'uma das sessoens da Academia brasílica dos esquecidos e muitos applausos obteve.

Assaz isolou-se de todos esses nossos auctores ja pelos seus talentos, já pelos seus conhecimentos, ja pelos seus escriptos, ja pela sua posição o sabio e probo ministro do rei D. João V, Alexandre de Gusmão, nome ainda hoje ouvido nas cortes europeias com respeito. Nascido na cidade de Santos, então villa da provincia de S. Paulo, em 1695, morreu em Lisboa, em dezembro 31 de 1753. Não é este o logar proprio para tractarmos de homem tam transcendente nas mathematicas, na diplomacia e politica. Grande orador, poeta elegante, elle baixou ao tumulo ralado de pezares, que com o terremoto de Lisboa não so perdeu sua mediocre fortuna como uma consorte e dous filhinhos que em extremo amava, e — ainda em mal! — seus manuscriptos foram devorados pelas chammas! — Perda sensivel para as sciencias e a litteratura!

Seus irmaons, mormente o padre Bartholomeu Lourenço de

(\*) A nomenclatura de suas obras é extensa para a reproduzirmos aqui. V. Barboza, *Bibliot. lusit.* tom. II pag. 616.

Gusmão, o *voador*, assignalaram-se em diversos ramos litterarios.

Luiz Canello de Noronha e Manuel Rodrigues de Lacerda, um nascido na Baía em 1689, o outro em Pernambuco, deram a luz publica algumas obras poeticas, das quaes tau somente não ignoramos os titulos.

O conego João Borges de Barros, nascido na Baía em 1706, instruido nas linguas latina, hespanhola e italiana, compoz muitas poesias ligeiras que correm impressas. José de Oliveira Serpa, seu comprovinciano, publicou varios sermoens e deixou nos algumas poesias mysticas que nunca se imprimiram.

Pertence ainda a este periodo um illustre Brasileiro, hoje assaz conhecido entre nós, graças ao patriotismo e talento do Sr. Dr. D. J. G. de Magalhaens. Ja se ve que fallamos do faceto Antonio José, d'esse genio nimiamente comico que a inquisição arrastou a suas fogueiras! E o mais é que n'uma de suas *operas* elle classificara a morte per meio das chammas como a mais cruonta de todas! Eis aqui as proprias palavras do auctor:

A morte sempre é tormento,  
Sendo breve é menos mal,  
Mas é pena, sem igual,  
O morrer a fogo lento.  
E' este modo violento,  
E é morte mais rigorosa;  
De seu fim tarde se gosa,  
Sendo no muito que atura,  
Por dilatada mais dura,  
Por continua mais penosa.

E tal foi o genero de morte que soffreu, que seus inimigos lhe destinaram!

Sua vida está presentemente vulgarizada e oxalá que também estivessem suas *operas*, que convertidas em regulares comedias podem ainda honrar a scena brasileira. (\*) Quem o fará? Ahi estão os censores do *Olgiato* para apuparem o que levado de amor da patria ousar de arrancal-as ao esquecimento em que jazem sepultadas; — Ahi estão elles!

D'entre suas numerosas operas citam-se as *Guerras de alexim e mangerona*, (cujo assumpto, accrescenta um illustre critico moderno, é eminentemente comico e portuguez e hoje teria todo o merito de uma comedia historica e se fora tractada no genero de Beaumarchais, produziria uma excellente peça; ) *D. Quixote*, que vem na *Traduction des chefs-d'œuvre des théâtres étrangers* vertido per Mr. Ferdinand Denis; *Esopo* e ainda outras, como as melhores. Abundam em scenas comicas; o estylo é corrente e o dialogo mui bem sustentado, manejado, variado e replecto de dictos picantes, cheios de graça, adubados de sal epigrammatico, como também fertil em expressoens demasiadamente baixas e indecentes. Algumas das arias são de complecta belleza.

(\*) Esperamos com a maior anciedade pela publicação de uma obra que está preparando o Illm. Sr. Dr. R. de S. da Silva Pontes, sobre a vida e escriptos do nosso poeta.

## IV.

### TERCEIRA EPOCHA.

DO MEIADO ATÉ FINS DO XVIII SÉCULO.

Do meiado ao fim do XVIII seculo tudo progrediu sob a influencia do magnanimo marquez de Pombal. O Brasil ja mais avançado na carreira da civilisação viu sair de seu seio litteratos que grande nomeada deram ao reinado de D. José I. Fundaram-se varias associaçoens litterarias e entre ellas mencionaremos a *Arcadia ultramarina*, (\*) estabelecida nas capitancias do sul, sob a protecção do illustrado vice-rei D. Luiz de Vasconcellos e Souza. Epocha foi esta de esplendor e gloria para uma colonia, cujos filhos celebraram os esforços de seus compatriotas, suas acçoens de heroismo ao som da braga do captivo! Claudio Manuel da Costa, Gonzaga, Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto, Basilio da Gama, Cordovil, Vidal de Barbosa e Sancta Rita Durão, se immortalisaram com producçoens mais ou menos primorosas.

A morte do rei D. José I e a pos ella a queda de seu ta-

(\*) E não *Arcadia do Rio das Mortes*, como alguém dice.

lento e perspicaz ministro, foram presagios de morte a nacional litteratura. Os litteratos brasileiros foram perseguidos, suas associações anniquiladas e uma officina typographica, que se acalava de estabelecer no Rio de Janeiro, mandada desmanchar por ordens da corte!.....

Uma sociedade politica levantou-se em Villa Rica, hoje cidade de Onro Preto, que conspirando secretamente contra a tyrannia, trabalhava a prol da independencia nacional; traidores a denunciaram ao governador. o visconde de Barbacena, e as perseguições sobiram ao auge. Claudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto, Gonzaga, Vidal de Barboza e outros, arrastados pelas mais publicas ruas de Villa Rica, foram conduzidos aos carcereos tenebrosos do despotismo colonial. Claudio Manuel da Costa, o entusiasta das instituições democraticas, suicidou-se; Gonzaga, Alvarenga Peixoto e seus companheiros no infortunio, arrostaram os tratos cruentos da tyrannia, ouviram ler suas sentenças de morte e..... quando esperavam a hora final da existencia, receberam o decreto da rainha D. Maria I, commutando-lhes a barbara pena em degredo para diversos presidios de Africa.

Sobeja-nos a vontade, mas falta nos espaço para tractarmos de tantos e tam insignes auctores e suas obras, e mihi de leve e so de passagem poderemos tocar nas mais interessantes.

Claudio Manuel da Costa, nascido em Marianna, então villa do Ribeirão do Carmo, em junho 6 de 1703, compoz muitos e mui bellos sonetos, que correm parellias com os melhores de Camoens, Bocage e Maximiano Torres; elegantissimas cançõnetas que rivalisam com as do ameno poeta italiano, Metastasio, e que mais lhe honram que esse inedito *Villa Rica*, poema feio e algum tanto insipido e em geral escripto em versos froxos e prosaicos, e — ainda mal! — rimados dous e dous.

Gonzaga, o apaixonado Gonzaga, cuja gloria de lhe haver dado o berço é ao presente disputada per Minas Geraes, Baía, Rio de Janeiro e Lisboa, nasceu em Pernambuco, como nos asseveram intimos parentes seus. (\*) Eternisou sua paixão ardente, mas candida, em bellas poesias, porem sendo de todos os nossos poetas d'essa epocha o mais elegante, feiticeiro e harmonioso, foi o que menos Brasileiro se mostrara em suas composições.

Basilio da Gama nascen em Minas Geraes, e sua ma estrella o arrastou a Italia, d'ahi á Lisboa, d'onde o quizeram desterrar para Angola; mas salvou-o o marquez de Pombal, o protector dos Brasileiros. O *Uruguay* é a melhor de suas produções; o estylo é correcto, a dicção, ainda que pobre, adequada e os versos ora simples, ora sublimes e sempre appropriados ao objecto de que tractam. Os episodios da embaixada de Sepé e Cacambo ao general Gomes Freire; da batalha de S. Tecla em que os indios das missoens soffrem complecta derrota, da visão de Cacambo, do incendio das tendas do exercito luso-hespano-brasilico, da morte da saudosa Lyndoa, da descripção da pintura do templo das missoens, tam engenhosa e delicadamente interrompida no quarto canto e continuada no quinto, são excellentes. Legou-nos, alem de tam bella epopeia, alguns sonetos, notaveis pela energia do estylo e pompa da versificação, algumas odes e outras composições dignas de apreço. Seu irmão, Antonio Caetano, foi igualmente poeta de grande merito, e deixou-nos entre estimaveis odes uma sobre a inauguração da estatua equestre de D. José I, que é um primor em seu genero.

Alvarenga Peixoto, Cordovil e Vidal de Barboza, naturaes do Rio de Janeiro, são auctores de primorosas poesias. O pri-

(\*) Entre outras muitas pessoas, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Lopes Gama, primo segundo do illustre poeta.

meiro compoz elegantes sonetos, traduziu a *Merope* de Maffei, que não é das melhores tragedias, não obstante a excellencia do assumpto dignamente tractado per Voltaire, e fez representar o drama em verso intitulado *Eneas no Lacio*. Os *Conselhos a meus filhos*, é um brinco de sua musa, que raro Brasileiro desconhece. O segundo rimou a *Poetica* de Horacio e produziu muitas poesias pela mor parte inferiores ás de seus coevos. O terceiro cultivou com feliz successo a poesia lyrica e não equivocos testemunhos nos restam de tal nas odes ao terrivel Alboquerque e ao vice-rei D. Luiz de Vasconcellos e Souza.

Silva Alvarenga nasceu em Minas Geraes, pelos annos de 1740; primou na poesia erotica, rivalisou com Gonzaga, mas não o excedeu, nem sequer o emparelhou. Publicou sob o titulo de *Glaura*, uma collecção de poesias eroticas. Infelizmente seu maior defeito é ser composta de uma centuria de madrigaes, escriptos no mesmo estylo, e de outra de rondós, com o mesmo numero de estrophes; monotonia que causa, uão obstante a elegancia, a harmonia e o perfume poetico que respiram. A fóra essas primicias de seu ingenho, possuímos bouitas odes e cançoens horacianas e um poema heroi-comico, *O desertor*, adornado de episodios appropriados; a linguagem elegante e comica é isempta d'esses termos obscenos que la de quando em quando se deparam no *Hyssope* de Diniz. Malvo das perseguiçoens que contra os litteratos se fizeram no Rio de Janeiro, o mesmo tempo que o despotismo colouial afferrolhava os poetas de Villa Rica em seus antros, ralado de pezares, falleceu pobre, mas honrado e chorado de seus discipulos, em novembro 1 de 1813.

Joaquim Ignacio de Seixas Brandão, de Minas Geraes, e José Ignacio da Silva Costa, do Rio de Janeiro, ambos admiradores das valentias poeticas de Basilio da Gama, ambos se assignalaram na carreira litteraria com composiçoens insignes.

Fecundo orador - exímio poeta, o padre Miguel Eugenio da Silva Mascarenhas, natural de Sabará, morreu de pos de trez annos de alienação: — catastrophe precursora de outra mais prejudicial para a litteratura, — a perda de suas composições e traducções poeticas de logares escolhidos dos auctores do reinado de Augusto, de Luiz XIV, de Leão X, de Carlos III e outros, e de tantas obras que transmittir nos devia, so escapou a seus desvarios a paraphrase da sequencia da missa dos mortos!

Sancta Rita Durão, natural de Minas Geraes, um dos melhores poetas d'este periodo, elevou a sua memoria monumento duravel; cantou as romanescas aventuras do celebre Caramuru, o dragão dos mares, o senhor do trovão, possuido como Camoens do mais sancto amor da patria. O *Caramuru*, recebido friamente em sua publicação, começa de ser apreciado, e conta presentemente duas versoens na lingua franceza, para que seja conhecido do mundo litterario; — honra e louvar a seus traductores!

Sancta Rita Durão não soube aproveitar-se dos mais poeticos quadros que em tam dilatado numero lhe offerencia a patria; e a vingança horrivel dos Tupinambás, incitada pela gentil Paraguaçu, contra os ferozes soldados do brutal Coitinho, com que poderia pomposamente fechar seu poema, apenas tocada foi! A par de pessimas oitavas sobresaem harmonicos versos, oitavas escriptas com delicadeza excessiva, e muito para admirar é esse episodio de Moema, expirando, repassada de saudade, nas aguas bañanas. «—O facto, accrescenta o visconde de Cayra, analysando passagens de nosso auctor, é verdadeiro e sentimental, e o poeta fez mais vivo quadro que os antigos classicos gregos e latinos descrevendo um similhante trauce ainda que menos heroico e terrivel, o de Ariadna em Naxos e Dido em Carthago, vendo ausentar-se em embarcações os ingratos Theseu e Eneias. —»

---



## V.

### QUARTA EPOCHA.

DO COMEÇO DO XIX SÉCULO ATÉ A PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDENCIA NACIONAL.

No começo do seculo presente grandes poetas appareceram, mas ainda embebidos nas ideias do grego polytheismo, e com tudo ja Caldas e S. Carlos reconheciam a necessidade da reforma da poesia brasileira; abalançavam-se a outra fonte mais pura e menos profanada a beber inspiraçoens; e foram elles por ventura em nossa patria o crespusculo d'esse grande dia, que vem raiando, e nos cantos de um Tenreiro Aranha, de um Mello Franco, de um João Baptista da Fonseca e de outros vislumbavam a espaços os claroens que scintillava a travez da treva da tyrannia o facho de nossa liberdade, independencia e gloria.

Caldas e S. Carlos, nascidos sob o formoso ceo do Rio de Janeiro, se dedicaram a carreira ecclesiastica. Caldas foi mais conhecido e estimado fóra de sua patria e deu-se a poesia lyrica; S. Carlos nunca saíu da patria, nunca foi n'ella presado como devera, e arrojou-se á poesia epica, ergueu um monumento eterno á nossa litteratura, mas que nós — ou ignoramos de sua existencia — ou não sabemos avaliar as primorosas composiçoens de nossos compatriotas.

Caldas todo arrebatado, todo penetrado de seu Deus, todó enthusiasmado de sua religião, elevou-se a esphera de nosso primeiro lyrico; mas nem sempre o arroubou o christianismo que la estão os pensamentos sublimies que elle lhe inspirara de envolta com as safadas ideias da grega mythologia. Suas odes, suas cantatas sacras são cheias de sublimidade, e respiram um odor celeste que enleva; — a pompa da versificação, — a excellencia das figuras, — a nobreza dos pensamentos, nos quaes transluz o espirito religioso do auctor, — dão todo o realce e magestade, que requer tal genero de poesia. Que de mais bello, que de mais sublime possuirá a lingua portugueza que não sejam essas odes sobre a existencia de Deus, sobre a immortalidade da alma, sobre a virtude da Religião Christiana, e essa cantata á creação?! Que de mais bello, que de mais sublime que não sejau a cantata *Pygmalião* e a ode *O homem selvagem*?! E quanto não nos devemos ufanar em possuir esses primores de poesia! Com quanta suberba não mostral-os ás naçoens estrangeiras, que de barbaros e indolentes nos accusau!

S. Carlos foi o vate prodigioso dos mysterios de sua religião. Klopstok, Milton, Dante, Tasso, e, mais que todos, os poetas sagrados da Biblia, d'esse monumento magestoso de poesia, eram os auctores predilectos de sua infancia: n'elles bebeu inspiraçoens, n'elles colheu as flores com que de pos paramentou os riquissimos episodios de sua grande epopeia *Assumpção da Virgem*, tam digna da attenção de seus compatriotas, si seus computriotas presassem os primores da propria litteratura, tam mal conhecida, tam mal avaliada!

Longo seria o analysar tantas e tantas bellezas como são as que encerra essa epopeia; citaremos os episodios da descripção do sepulchro da sancta Virgem, recendente de aroma, e as exclamaçoens dos apostolos ao vereu o vasio, da descripção da sancta Virgem em seu carro de triumpho; da tramoja infer-

nal; da falta de Satan no conselho dos espiritos infernaes, muito superior a de Lucifer no *Paradise lost* de Milton ou a de Asmodeu na *Malaca conquistada* de Sá de Menezes; da opposição infernal á assumção da sancta Virgem, destruida pelo archanjo S. Miguel; da pintura do Rio de Janeiro, emblema do carro de triumpho, e sobre todos esse do Paraiso, onde o poeta collocou as picturesque scenas da patria e seus ricos productos, como os melhores.

Caldas e S. Carlos foram alem de poetas, eximios oradores, e pobres e esquecidos de seus patricios desceram ao tumulo e ahi jazem sepultados, como tantos outros sem que a patria os despique das injustiças que soffreram!

Que exemplos a futuros escriptores!

João Pereira da Silva, tambem do Rio de Janeiro, compoz e traduziu das linguas latina, franceza, ingleza e italiana, numerosas poesias que se perderam, bem como seus sermoens, per occasião de sua morte. Apezar da profissão a que se votara não cultivou como seus predecessores a poesia sagrada, deu-se a composições burlescas, satyricas e heroi-comicas, e n'este genero temos o seu poema em dous cantos, *A estolida*, que jaz inedito, excepto o episodio *O Pão d' Assucar*. Falleceu n'esta cidade, com quasi setenta annos, em março 7 de 1818.

Bento de Figueredo Tenreiro Aranha, nascido na villa de Barcellos, antiga cabeça da comarca do Rio Negro da provincia do Pará, em setembro 4 de 1769 e fallecido em 11 de novembro de 1811, passou a vida

Das musas na agradável companhia,

e d'entre tanto precioso manuscripto, em que recommendava sua memoria á posteridade e patenteava seu patriotismo, pouco mais nos resta que uma ode horaciana ao general Martinho

de Albuquerque e outra pindarica ao governador do Rio Negro, Manuel da Gama Lobo de Almeida; e o seguinte soneto a uma mameluca cruelmente assassinada, martyr da fidelidade conjugal, notavel pela ternura que respira o seu colorido poetico:

— Si acaso aqui tomares, familiarmente,  
 Meu frio corpo ja cadaver feito,  
 Leva piedoso, com sentido respeito,  
 Esta nova ao esposo afflicto, errante.

Diz-lhe como do ferro penetrante  
 Me viste por fiel cravado o peito,  
 Lacerado, insepulto e ja sujeito  
 O tronco feio ao corvo altivolante.

Que d'um monstro inhumano, lhe declara,  
 A mão cruel me tracta d'esta sorte,  
 Porem que allivio busque a dor amara.

Lembrando-se que teve uma consorte,  
 Que, por hora da fé que lhe jurara,  
 A mancha conjugal prefere a morte. —

Francisco de Mello Franco, nascido em Paracatu, em 17 de setembro de 1757, a-saz distinguio-se na poesia heroi-comica. A calumnia de seus inimigos o conduziu ás masmorras sanguinolentas do execravel tribunal de S. Officio, e hi ao peso dos grilhões, supportando os mais duros soffrimentos com uma coragem estoica, compoz elle as stas melancolicas *Noites sem somno*, meditações sublimes sobre as miserias da especie humana e a degeneração da fé e crueldade dos discipulos de Christo. Restituído á liberdade, escreveu dentro em quinze dias o seu bello poema heroi-comico *O reino da estupidez*, satyra ter-tivel á Universidade de Coimbra, n'aqual teve alguma parte o seu amigo José Bonifacio de Andrade e Silva. Interessante são os episodios que o adornam, e classica a linguagem.

Mello Franco foi, além de exímio litterato, medico de muita fama, cujos relevantes serviços prestados a humanidade serão um monumento eterno, que ajudará a propagar seu nome. Morreu em Ubatuba, em julho 22 de 1823.

Victima da revolução pernambucana de 1817 João Baptista da Fonseca, natural de Pernambuco, arrastou uma existencia penosa e morreu cheio de desgosto. D'entre numerosas poesias que compozera, apenas publicou-se o poemeto *A victima da amisade*, em cujas oitavas transluz o talento não mediocre do auctor.



## VI.

### QUINTA EPOCHA.

DESDE A PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDENCIA NACIONAL ATÉ A REFORMA DA POESIA.

Com a proclamação da independencia, que uma nova epocha de gloria, esplendor e prosperidade marcou nos annaes do mais heroico povo do novo mundo, vasto campo se abriu a patria litteratura. Com a luz que derrama o pharol de nossa liberdade la se esvaccem as trevas da torva ignorancia; diffundem-se per todos os angulos do nascente imperio as sciencias, as artes e as letras; e em tempos de tanto enthusiasmo, — passados tempos, que não mais veremos! — a poesia se elevou para celebrar os feitos gloriosos dos defensores da patria e cantar a independencia da nação, proclamada nos saudaveis campos do Ypiranga per um principe magnanimo, que trocara o solio dos Affonsos polo throno americano.

Grandes e de nome foram os poetas que floresceram em an-

nos de tanta gloria. José Bonifacio de Andrado e Silva, geralmente apreciado pelo mundo scientifico, foi um dos que mais se assignalaram; mas é para admirar que homem de tam vastos conhecimentos, doado de tantos talentos, não nos deixasse cousa de mor valia, que esses fragmentos de poesias e essas, para sentir, tam poucas porem tam bellas composições, escriptas por ventura no estylo de Francisco Manuel, de quem era muito intimo. (\*) Suas odes sobre a poesia e amizade são excellentes; cheias de melancholia e saudade aquella em que pranteia a perda de um poeta bucolico, seu amigo, e a que se intitula *O poeta desterrado*. A sobre a vida campesina e a dirigida ao rei D. João VI, ao gosto oriental, são de excessiva elegancia, e ácima de todo o louvor aquella em que Melciades, erguendo-se de sepulchro, proclama aos Helenos a independencia da Grecia, e esta, como uma phoenix recemnada de seus proprios restos, brada com enthusiasmo e esperanza:

— Ou liberdade ou morte! —

As cantatas a Nize e a Eulina e a anacreontica sobre a creação da mulher alguns tanto voluptuosas, encerram suas gentilezas poeticas. Respira profunda tristeza que sensibilisa, terna melancholia que compunge, aquella tarde passada no sitio de S. Amaro, em S. Paulo, sua patria. A epistola a *Lucindo*, que até aqui se não tem publicado, comprehende a historia de suas desgraças na terra do exilio, suas saudades longe do solo natural e seus ardentes desejos de tornal-o a ver e espirar n'elle.... Oh que elle não previa as perseguições que o aguardavam, as perseguições que abreviariam seus dias!...

José da Natividade Saldanha, nascido em Pernambuco, em

(\*) V. *Poesias avulsas de Americo Elycio*, 1 V.º in-8.º Bordeaux 1825.

8 de setembro de 1796, illustrou-se com um volumesinho de poesias, que fez publicar em Coimbra, quando alli estudava. (\*)

Hardido como Pindaro, patriotico como Ecouchard Lebrun, magestoso como Diniz, abalançou-se á elevada e pomposa poesia pindarica e emparelhou com Pindaro na hardidez, com Ecouchard Lebrun no patriotismo, com Diniz na magestade e pompa da versificação, e deixou-nos quatro bellas odes pindaricas. A primeira dirigida a Vidal de Negreiros, Brasileiro illustre e laureado pela victoria em algumas batalhas, parece tersido o primeiro voo do poeta, mas nem por isso lhe falta a energia nos versos, a nobreza nos pensamentos e essa *bella desordem*, que requer semelhante casta de poesia. Na segunda ao grande Guarão, tomando azas de águia, mais e mais se remonta. Na terceira a Henrique Dias é ainda mais pindarico; seus pensamentos são nobres e seu estro encendeia-se com furor. Na quarta tudo cresce; as acções do immortal Rabellinho inflammam a mente do Pindaro brasileiro, que com elle se arroja ao meio dos pelejadores; — o sonido das armas, — o sibilar das ballas, — os gritos dos guerreiros, — os trovoens da guerra lhe retinem nos versos! Elle segue passo a passo ao heroe pernambucano até sua ultima acção, até o derradeiro instante do martyr da patria, que morre honrada morte pugnando pola sua cauza!

Não menos para prezar-se são os seus sonetos, suas odes horacianas e anacreonticas, seus dithyrambos e suas cantatas, que encerram grande copia de elegancias e bellezas poeticas.

Tomou este nosso auctor mui activa parte na *Revolução pernambucana de 1824* como secretario do governo da *Republica do Equador*; d'ahi a necessidade do emigrar para um dos estados da União Americana a fim de subtrair se á sorte de

(\*) *Poemas offerecidos aos amantes do Brasil*. 1 V.º in-8.º Coimbra 1822.

Ratcliff, Metrowich e Loureiro, e eit-o ahi da popa do *Truceed*, olhos cravados nos patrios sitios, mandando suas despedidas á patria:

Segunda vez te deixo, oh patria amada,  
Luctando braço a braço co'a desgraça;  
Um momento que fogo, outro que passa,  
Grava mais tua sorte amargurada!

Povo inconstante, que assimilha ao nada,  
A' luz do brilho teu, ofusca, embaça  
E a dura sorte, só contigo escassa,  
Das maous te rouba a viagadora espada!

O teu sangue correndo em dura guerra,  
Levantaste o cutello refulgente,  
Porem cedeste, baqueando em terra!.....

E esse, que amor teu no peito iugente  
E terno e meigo e docemente enterra,  
Vae teus males carpir eternamente!.... (\*)

E longe d'ella, carpindo seus males, vivem involto em gloria e miseria, a assim terminou existencia tam apreciavel!  
— Esse o destino de nossas notabilidades!

Não somos nós os netos de Albuquerque,  
Raça de Lusos?

Lucas José de Alvarenga, de Minas Geraes, deu-se a poesia erotica e deixou-nos niui bonitas cousas, que correm impressas. Em egual genero de poesia se distinguu D. Maria Josepha Pereira Pinto Barretto, natural do Rio Grande do Sul, de quem possuímos elegantes producçøens, que breve'serão publicadas.

(\*) Este soneto é inedito e nos foi communicado pelo Sr. J. J. Pinto Vedras.

Poeta elegante e de algum merecimento foi o general Luiz Paulino, da Baía, assim se libertasse elle d'esse estylo bocagiano ou elmanistas, que tanta quebra dá nas composições de nossos contemporaneos. O soneto composto na hora da morte, como realmente o foi, é requissimo e isempto d'essa pecha. Seu comprovinciano, Manuel Ferreira de Araujo Guimarães, abalisado nas sciencias exactas, cultivou a poesia lyrica, mas com pouca felicidade, que essa

phantasia

Estragada per circulos e rectas,

não era para poesia, e suas producções, a mor parte selladas com o cunho da mediocridade, ahi jazem e foram o assumpto de justas censuras de seus coevos.

Luiz Antonio da Silva e Souza, compoz algumas poesias ligeiras, e traduziu a *Jerusalem libertada* de Tasso. Falleceu em Goyaz, sua patria, em 1840.

A prematura morte dos jovens, João de Almeida Coelho, natural de Sancta Catharina, e Francisco Bernardino Ribeiro, do Rio de Janeiro, foi assaz sensivel para nossa litteratura, e sobre tudo a de Evaristo Ferreira da Veiga, moço de extraordinarios talentos, um dos ornamentos litterarios de nossa patria, cujas numerosas poesias ineditas não hão visto a luz pola incuria de seus parentes! . . . .

Merecem particular menção outros muitos illustres auctores, que ainda entre nos vivem e que pertencem a esta epocha.

Os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Francisco Vilella Barbosa, marquez de Paranaaguá, e Domingos Borges de Barros, visconde da Pedra-branca, são auctores de estimaveis poesias.

O Rev.<sup>mo</sup> Sr. conegò J. da Cunha Barboza, digno discipulo de Silva Alvarenga, firinou sua reputação poetica com a pu-

blicação de um bello poema. O *Nictheroy*, metamorphose do Rio de Janeiro, é sem contestação alguma um dos primores da nossa litteratura em seu genero. A descripção da nossa baía é lindissima e nada deixa a desejar. Os megaterios e mamoths arrastando enormes penedos, é uma lembrança original e feliz, e os versos sempre cheios e harmoniosos, e a linguagem puritana, não são por certo qualidades communs. *Protheu*, idyllio, *Hero e Leandro*, cantata, são composições ineditas de egual merecimento.

Os Srs. João Gualberto Ferreira dos Sanctos Reis e Ladislau dos Sanctos Titara irmaons, naturaes da Baía, hão additado á litteratna nacional bonitas composições. O primeiro collegiu e verteu da lingua latina os desperos cantos das *Georgicas brasileiras*, e produziu *A saudade paterna*, trecho sublime da mais pathetica poesia; o segundo compoz e publicou recentemente *Paraguaçu*, poema em muitos cantos.

Os Srs. José Eloi Ottoni, a quem devemos as boas traducções, dos *Proverbios* de Salomão e do poema arabe *Job*, esse monumento sublime da mais elevada poesia e proficua moral; J. G. Ledo, auctor de numerosas poesias eroticas de uma delicadeza excessiva, de uma harmonia extrema; Paulo José de Mello, cujas composições heroi-comicas são geralmente conhecidas e lidas com avidez; Castello-branco, que ha composto os poemas *O impio confundido* e *Lucifer*; O Sr. O. S. de Carvalho e Silva, R. de Souza da Silva Pontes, C. J. de Araujo Vianna, são abalisados auctores de que a patria se ufana, e dos quaes espera innumeradas riquezas poeticas.

Nos ultimos annos d'esta epocha, que finda com a apparição de um bello talento, para dar nascimento a outra de esperanças, que em parte ja são realidades, começaram de apparecer outros auctores, dos quaes a poesia espera abastança,

e taes são as poetisas D. Delfina, D. Beatriz, e os Srs. F. Muniz Barreto J. Theadomiro dos Sanctos José Maria do Amaral, A. J. de Araujo, A. Candido de Lima, e entre elles esse joven dotado de grandes talentos como que vindo das bordas do sepulchro, para alguns annos de pos acclamar-se coripheu de uma nova poesia em sua patria.

Em sua appareição no estadio da litteratura brasileira, com um opusculo de bellas poesias, o Sr. D. J. G. de Magalhaens foi saudado pelas notabilidades do paiz e Evaristo Ferreira da Veiga e o visconde de Cayru lhe tributaram publicamente não immeritos encomeos, e tanto mais que, «—ha tempos de nossos prelos não saia um opusculo que tanto lustre desse a nossa litteratura, e que fizesse apparecer em tanto relevo o bom ingenho brasiliano.—»

Citaremos as proprias palavras do auctor noticiando os motivos que deram logar a publicação de suas producçoens :

«—Estava eu moribundo quando meus amigos as mandaram imprimir para divertir o tedio da passagem, para consolar os ultimos claroens de minha existencia. Queriam elles adormecer minha alma, embalando-a; e elles a chamaram a vida: foi este livro pois o meu salvador.—»

Animado e seduzido per doces esperanças, pela gloria de tornar-se ainda um dia lustre e fama de sua patria, embarcou-se para Europa, avido de sapiencia, onde assaz instruiu-se, e d'onde voltou rodeado de homenagens, que lhe dedicaram illustrados estrangeiros. O Sr. Magalhaens só, sem auxilio de outrem, effectoou a tam desejada reforma da poesia brasileira, lembrada ha annos per Mr. Ferdinand Denis, que entusiasta do Brasil lhe prophetisara uma epocha de esplendor e gloria litteraria; — prophesia que vae realisando-se; — epocha, que principia a raiar!

---



## VII.

### SEXTA EPOCHA.

#### DA REFORMA DA POESIA.

Sim Mr. Ferdinand Denis tinha predicto—que o Brasil, que sentira a necessidade de adoptar instituçoens differentes das que lhe impozera a Europa,—que o Brasil conhecia tambem a necessidade de ir beber suas inspiraçoens poeticas à fonte que lhe verdadeiramente pertence;—que o Brasil coroado com o esplendor de sua nascente gloria publicaria dentro em pouco tempo as primorosas obras d'esse primeiro enthusiasmo que attesta a galhardia e mocidade de qualquer povo (\*); —sim a prophecia cumpria-se e essa epocha de gloria litteraria vem raiando!

Um joven nascido sobre o pictoresco solo do Rio de Janeiro, abrasado nas chammas da poesia, avido de nome, ardente de gloria, nutrido em sua infancia com a leitura dos poetas dado ás ficçoens do cego bardo de Smyrna e do velho can-

(\*) *Résumé de l'hist. litt. du Brésil, chap. I. pag. 515.*

tor de Asra, deixou-se fascinar dos seductores nimes da antiga Grecia e caminhou sobre os sedicões trilhados do Pindo! E todavia ja M.<sup>me</sup> De Staël e Mr. de Chateaubriand haviam creado a nova escola do christianismo; ja Mr. de Lamartine se immortalisava com seus melancholicos e mysticos canticos, e a moderna Allemanha trilhava os passos dos Navalis e Schlegels; ja na Inglaterra Byron, na Hespanha Martinez de la Rosa e em Portugal o Sr. Garrett haviam dado o signal para a reforma e proclamado a liberdade do genio, e forçoso ora ao genio brasileiro ou progredir nas safadas sendas do Parnaso ou expor-se aos furores da inveja, encetan lo a difficil carreira: expoz-se, ergueu o estandarte da reforma, poz-se á frente da mocidade e uma nova epocha começou para a poesia brasileira. Louvores ao joven Fluminense! Louvores a Sr. Dr. D. J. G. de Magalhaens!

Aqui o logar proprio para analysarmos esses bellos canticos de nosso compatriota, arrancados do fundo d'alma, inspirados pela saudade, pelo amor da patria e pela Religião christã: mas como circumscrever os nós em os tam acanhados limites d'este bosquejo? E de mais uma razão nos dispensa de tanto trabalho: — é o conhecimento que o publico tem dos *Suspiros poeticos e saudades* do distincto poeta, aos quaes deve o auctor toda a reputação de seus talentos, toda a fama de seu nome na Europa.

Uma das primeiras tragedias que viu a scena brasileira é igualmente devida ao talento do Sr. D. J. G. de Magalhaens. O patriotismo a inspirou, com ella arrancou o auctor o nome e a memoria de um Fluminense conspicuo ao frio esquecimento em que jazia sepultado: e o publico fez-lhe inteira justiça, não favor, acolhendo-a com enthusiasmo.

O *Olgiate* muito menos interessante que o *Antonio José* ou

o poeta e a *Inquisição*, de que acabamos de fallar, será melhor apreciado quando impresso, e brevemente *Masaniello*, e *A conjuração dos Tavoras*, virão augmentar o mesquinho repertorio do theatro nacional, composto até aqui quasi de miseraveis traducçoens, — com raras e bem raras excepçoens, — de estrangeiros dramas.

Uma composiçãõ que contribuirá para mais realçar o nome do Sr. Magalhaens é o seu bello poema *A confederaçãõ dos Tamoyos*. Os episodios dos quatro primeiros cantos, que se acham concluidos, são riquissimos. A descripçãõ do Brasil e de seus dous assombrosos rios, essas balizas naturaes que avultam ao norte e ao sul; o discurso do chefe Aimberé, o cantico de guerra do bardo dos desertos, Coaquira; e as saudosas endeixas de Yguaçú, são de um colorido admiravel, e a poesia donosa e bella.

Summo prazer causou-nos a leitura da *Voz da natureza*, cantico sobre as ruinas de Cumas pelo nosso eximio artista o Sr. M. de Araujo Porto Alegre. É a natureza exprimida pelo genio! Grandes são as imagens. grandes os pensamentos que figuram n'essa pomposa prosopopeia. O sinistro e o terrivel se mesclam de momento em momento com o bello, com o terno e o mavioso. e o sublime domina tudo e lampeja em todos os periodos. E ha quem negue o titulo de poeta, quem negue uma imaginação ardente, repleta de poesia ao Sr. M. de Araujo Porto Alegre! De igual merecimento era um poema heroi-comico-satyrico que compozera durante a sua demora em Bruxelas em 1835 mas infelizmente para a-nossa litteratura, cujo cathalogo de obras perdidas é mais extenso que o das existentes o poema perdeu-se e não ha esperanças de restaural-o. A invocação e alguns episodios eram riquissimos, e cada um de per si bastariam para firmar a reputação poetica do auctor.

O seu *Prologo dramatico* tam injustamente criticado, é producção que lhe faz muita honra; o mesmo estylo que o da *Voz da natureza* a mesma hardidez, a mesma magestade e pompa de poesia resumbram em suas scenas.

De justo elogio é credor o Sr. M. Odorico Mendes, poeta elegantissimo, cujas composições são lidas com avidez. E que riqueza de linguagem não contem ellas? Que perfume de poesia não respiram? Como falla á alma e ao coração esse *Hymno á tarde* quando ausente da patria, e que tanto estasiara a Evaristo Ferreira da Veiga? Que doce philosophia, que proficua moral não se encontra n'esse *O meu retiro*? Como é bello esse *O sonho*? Assim não fosse tam avaro o Sr. M. Odorico Mendes em publicar suas poesias!

As traducções das tragedias de Voltaire, *Merope* e *Tancredo* são primorosas e o acolhimento que lhes o publico fizera requer da gratidão do Sr. M. Odorico Mendes a continuação da traducção das melhores tragedias do philosopho de Ferney.

Em numero são os auctores que conta a nova eschola. O publico apprecia as composições ineditas ou impressas, *Uma manhan em Minas*, *O tumulto do jovem Adolpho*, *A primeira impressão de amor*. *O ultimo adeus*, *A mira ou a solidão*, *A morte de Ossian*, e *Uma noite no cimiterio* do Sr. J. A. de Lemos Magalhaens; *A saudade*. *A inconstancia*, *O desingano*, *As lagrymas*, a nenia *A' morte de meu bom amigo F. Bernardino Ribeiro* e a fabula *O sapo, a cobra e o cysne*, do Sr. F. Rodrigues Silva; *O sabiá*, e *O carrasco* do Sr. A. A. Queiroga; *Jonio e Olina* do Sr. A. J. A. da Silva Paz; as fabulas do Sr. J. J. Teixeira: os *Canticos lyricos* do Sr. A. G. Teixeira e Souza: e nós lhe denunciámos a existencia de dous jovens poetas, que por certo honrarão a patria com suas producções: os Srs. F. Octaviano de Almeida Rosa e A. Claudio Soydo Junior.

A traducção das obras de Byron , que está concluindo o Sr. Dr. F. J. Pinheiro Guimaraens , firmará sem duvida a sua reputação como eximio poeta traductor.

Uma sociedade litteraria vem de ser installada n'esta côrte, e brevemente terá logar a sua inauguração solemne. A *Arcadia brasileira* é uma bella concepção que tem por fim a emulação dos poetas brásileiros , e que por certo assaz concorrerá para o augmento e enriquecimento de nossa litteratura. A juventude bem vontade tem de apparecer na arena das artes , das sciencias e das lettras ; seus desejos são ardentes e nobres . seus votos puros e sublimes , porém falta-lhe o sopro animador da administração que a bafeje , o apoio sustentador que a mantenha      Falta-lhe pois tudo !



## VIII.

### CONCLUSÃO.

Eis o passado e o presente de nossa poesia, e qual será o seu futuro? Oh que nosso coração palpita de esperança de gloria e de entusiasmo á vista d'esta mocidade, que do berço se eleva tam amante das lettras e seduzida do amor da gloria! Elle será glorioso e, por ventura, os litteratos mais presados que presentemente mas cumpre avançar e não retrogradar - e ao cabo a gloriosa meta.

Vós, que dirigis a juventude brasileira protegei as sciencias, as artes e as lettras: iniciae-a em seus mysterios: galardoe os que d'entre ella se assignalarem, que o estímulo não deixará que um ou outro tam somente se distinga: e ella percorrendo a estrada da gloria, irá aos campos do futuro que tam grato nos surri colher louros: lá estão os vossos tumulos, la ella cingirá as vossas fronte com os laureis triumphosos, que não na vida mas tam somente de sobre o tumulo. se recebem, como Homero, como Camoens, como Tasso,

como Zriny, como Milton, como Gilbert, e tantos outros receberam. Das campas se alevantam as glorias dos grandes homons, que não do berço, como os rios que mais assombrosos são aonde se extinguem. Af do cultivador si o queimor do sol lhe cresta o tenro grelo do arbusto ou lh'o roe o verme, que la desapareca sua esperanza e os fructos falham! Assim si vós que governaes, si vós a quem pertencem os louros do futuro, que colher ha de a juventude para enfeitar vossas cabeças, deixardes de alental-a deixardes a cair em langor e adormecimento, ella existirá como o arbusto exhaurido de seus renovos e sem fructos!

O porvir! — Eis a esperanza do Brasil! — Eis a epocha que vislumbra com brilho e magestade atravez de seu veo! — Que esse porvir se converta em esplendido presente! — Que essa esperanza não seja sempre sonho mas realidade! — Que essa epocha venha de raiar e que em bem nós fade o ceo! Taes são os votos que nós cheio de esperanza no futuro da patria, com o coração palpitante pelo amor de gloria, com a mente repleta dos mais patrioticos pensamentos, e encendido de enthusiasmo por tudo quanto é bello, util, grande, sublime, saucto e justo, fazemos ao terminar esta mal esboçada historia da poesia brasileira.

1841.

FIM DO BOSQUEJO.

**MODULAÇÕES POÉTICAS.**



**A MEU MESTRE,**

AO DISTINCTO POETA BRASILEIRO,

© Illm. Sr. Dr. D. Sr. G. de Magalhães.

Oh mestre, cuja mão plantou meu estro,  
Olha com brando rosto os fructos d'elle!

CASILHO.

A ti, que me estradaste  
Da gloria ao templo magestoso e bello,  
E «—avante! —» me bradavas  
Quando inda acovardado  
O coração nas ancias me pulsava  
Do timido receio,  
E nem si quer ousava  
A rouca voz soltar do debil peito,  
E os dedos applicar a doce lyra;  
Rei das cançoens, oh bardo brasileiro,  
A ti grato consagro  
Os meus canticos rusticos, singellos,  
Mas sincera homenagem de minh'alma!

Alegre o sabiá deixando o ninho ,  
Em tanto amor formado ,  
Sobre o galhinho de frondoso arbusto .

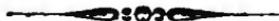
Ao lado da maesinha

A voz ensaia , um cantico desprende ;  
E a extremosa nutriz , que o ser lhe dera ,  
Essa offrenda de amor meiga recebe ,  
— Terna retribuição de seus carinhos !

Loureja ao longe , surdo sussurrando  
Vasto canavial da briza ao sopro ;  
Com esperançosos olhos ve , contempla  
O avido colono

Essa offerta da madre natureza ,  
— Prodigio premio das fadigas suas !

Oh vate , oh meu cultor , si a voz desato ,  
Minhas modulações a ti se elevam ;  
As chordas da harmonia em mim vibraste ,  
Gratos os sons te sejam que desfiro.



I.

AO SOL.

O' sol  
Pulcher ! O' laudande ! Canam.....  
HORATIUS.

Sim , creada era a terra , e o ceo creado ,  
    E as trevas condensadas  
Sobre a face do abysmo se detinham ;  
Do Senhor o espirito levado  
    Per cima era das aguas ,  
Qual brando sopro de galerno vento ,  
    Quando na immensidade  
A voz divina retumbou potente ;  
« → Faça-se a luz ! — » E subito brillhando  
D'entre as sombras surgiu o alvo dia ;  
    No turbado occidente  
A noite se acolheu torva , sombria.

E, ao mago acceno  
Divo e superno  
Do braço eterno,  
O calos medonho  
Se vae tornando  
Um universo  
Todo risonho;  
Eusoubram, cobrem  
O valle e o prado  
Bosques copados,  
Engrinaldados  
De lindas flores,  
Que exhalam gratos,  
Finos odores;  
Tapiza o monte  
Relva macia,  
Onde cicia  
De quando a quando  
O halito brando  
Da viração;  
Descem do cume  
D'altas collinas  
Mil serpentinas,  
Claras torrentes,  
Que, passeiando  
Pelas campinas,  
Fertilisando,  
A terra vão.

**E** de novo resoa a voz do Eterno  
 Na vasta immensidade,  
**Oh** assombro! **Oh** celeste maravilha!  
**Entre** milhoens de scintillantes astros  
**Um** astro brilha sobranceiro a todos,  
 E portentoso é tudo!  
**Um** astro brilha, que reflecte o lume  
**Da** face do Senhor miraculoso,  
**E** co'os astros, que em torno d'elle gyram,  
**A** luz reparte prodigo, assombroso!

Salve, oh rei da natureza!  
 Salve, oh astro, pae do dia,  
 Que abrilhantas o universo  
 Messageiro de alegria!

**Oh** como não foi bella  
**A** vez primeira a tua luz fulgente  
**Presurosa** rasgando o ambiente!  
 Como mal despontaram  
**A** vez terceira os raios teus dourados  
**Alegres** te saudaram  
**Os** musicos dos prados  
**Com** grata, com suave melodia!  
**Assombrado** de tua magestade  
**Curvou-se** o homem alfim, e em ti a obra  
 De adoração credora,  
**Prototypa** da summa Divindade,  
 Humildemente adora!

Salve . oh rei da natureza !  
 Salve . oh astro , pae do dia ,  
 Que abrilhantas o universo ,  
 Messageiro de alegria !

Como as aves te saïdam  
 Mal surge teu arrebol ,  
 Eu tambem , cantor brasilio ,  
 Te saïdo , ameno sol !

Salve . oh rei da natureza !  
 Salve , oh astro , pae do dia  
 Que abrilhantas o universo ,  
 Messageiro de alegria !

N'este ceo de saphira  
 Qual , oh sol , te ostentaste a vez primeira  
 Radiante de luz , astro dos astros ,  
 Ainda hoje te ostentas !  
 Ja seculos e seculos volveram ,  
 E humanas geraçoens se succederam .  
 E inda cheio de luz , de luz derramas  
 O oceano em que nadas magestoso !  
 Hontem no accaso teu , involto em chammas .  
 Deixaste o mundo em trevas sepultado ,  
 Hoje assomas mais puro , mais pomposo !  
 Assim de dia em dia nos recordas  
 Que á voz da Divindade  
 D'entre as sombras nocturnas rebentando ,  
 Abrilhantaste a etherea immensidade .

Oh sol, oh rei dos astros,  
Que fulguras nos Tropicos radioso!  
Satellite de Deus! Senhor das luzes!  
Ah todo tu me inflammas!  
Mercê do ceo, te vejo  
Serenos perlustrar o firmamento  
C'lorindo nuvens, campos verdejando,  
E luz, calor e vida e movimento  
Aos astros outorgando  
E sempre e sempre por te ver suspiro!

— Ou na manhan  
Do inverno iroso  
Rompendo airoso  
Seu denso veo,  
Todo te mostres  
Placido e brando  
Abrilhantando  
O azul do ceo;  
— Ou no zenith  
Igneo luzindo  
Vas despargindo  
Raios de luz,  
Que aquece e anima  
A terra fria,  
E tudo cria,  
Tudo produz;  
— Ou pela tarde  
Do estio ardente

Lá no oppoente  
 Vas te esconder -  
 Sempre me causas  
 Sensações gratas  
 E me arrebatas ,  
 Me dáz prazer !

Como correndo toda a redondeza  
 As acções dos mortaes te são patentés !  
 Tu escutas os canticos sagrados  
 Que ao Creador envia a natureza  
 Ouvés milhoens de povos que accurvados  
     A Deus mandam nil preces ,  
 Ou quando accezo assomas no oriente .  
 Ou quando desapareces no occidente !

E tu me ves , oh sol , e tu me escutas ?  
     Ou atomo na terra  
 Me perderei na confuzão dos atomos ?  
     Ou fragil a voz minha  
 Se perderá na confuzão das vozes ?  
 Não ; — tu me ves , oh sol ! Não ; — tu me escutas ,  
     E me inspiras benigno !

Oh dá , oh sol , que eu possa ,  
 Errando o mundo de illusoens e incantos ,  
 Enlevado nos magicos concertos  
     Da diva poesia ,  
     Aos sublimes accentos  
 Da angelica , gratíssima harmonia

Tecer-te novos cantos,  
E em sacrosancto enthusiasmo immerso  
A minha alma subir venerabunda  
Ao Arbitro supremo do universo.

Brilha oh sol, astro formoso,  
Adorno da natureza,  
Que de um Ser, Ser per si mesmo,  
Annuncias a grandeza!

Tua presença dá vida  
A portentosa natura,  
Que a teus raios patenteia  
Toda a sua formosura:

E, si te ausentas, parece  
Em tristeza se abysmar.  
E nos braços do repouso  
Por nova vida esperar.

E tu, sempre ufano e cheio  
De tua magnificencia,  
Nos trazes de dia a dia  
Luz e vida e intelligencia.

Brilha, oh sol, astro formoso,  
Adorno da natureza,  
Que de um Ser, Ser per si mesmo,  
Annuncias a grandeza!



II.

A MEU MESTRE

*O Illm. Sr. Dr. D. J. G. de Magalhaens.*

Après le génie ce qu'il y a de plus semblable  
à lui, c'est de le connaître et de l'admirer.  
M<sup>me</sup> de Staël.

Peintre des passions, ta savante magie  
Par les charmes divins de la variété  
Prête aux moindres couleurs, de l'âme et de la vie,  
Et le vrai ton de la beauté.

MORIN.

Per entre erguidas vagas,  
E arenosas syrtes ;  
Per entre o surdo , desinvolto vento ,  
Que ameaça romper duras enxarcias ;  
Vendo estalar-se a abóbada celeste ,  
Rasgar as atrás nuvens.  
Mil abrazados raios sibilantes ,  
Que dos mares no bárathro profundo  
Raucísonos ribomham ,

De Deus cheio, de Deus cantando a gloria  
 Affeito do baxel o leme rege  
 O entrepido Alboquerque, (\*) cujo nome  
     Egreja sublinara  
 A deslebrada lyra em que soara. (\*\*)

Assim illustre bardo,  
 Te vejo remontar o ceo glorioso  
 Sem que as faces o medo te descobre,  
 E da calumnia atroz, da vil intriga  
     Os brados desprezando,  
     Te vas eternisando  
 Com teus cantos de gloria alticadentes,  
 Memoravel padrão que sobranceiro  
     Ao rijo bronze - ao mármore -  
 Eterno existirá no mundo inteiro.

Por ti meu peito sinto  
 Arder de amor da patria;  
 Tu me ateaste a flamma  
 Do sancto amor da gloria chammejante;  
 Do errado trilho, que vingava a custo,  
 A mente illuminando, me arrancaste,  
 Mas ah, de ti ainda necessito!  
 Da gloria sobre a estrada eis-me sem guia,  
     Qual triste perigrino,

( ) Jorge de Alboquerque Coelho. Veja-se *Hist. trag. marit.* tom. II pag. 1 á 59.

(\*\*) Allusão a Bento Teixeira Pinto, auctor do poema *Prosopopeia*.

Que em saudosas ideias engolphado,  
 Que o patrio ninho seu lhe estão lembrando,  
 Perdido move não-seguros passos  
 Pela querida patria suspirando.

Mal vegeta o arbusto  
 Que do campo no meio se levanta  
 Esposto á furia de tufhoens medonhos,  
 E aos embates de raios mil rompentos,  
     Não por abrigo tendo  
 Suberbós pekiás, cédroz ingentes,  
 Nem cultor que cuidadoso o cure sempre;  
 No entanto os que; dos pekiás á sombra  
 Nasceram, magestosos vão-se erguendo,  
 Té que de flores mil se guarneccendo,  
 Gemem em breve os ramos accurvados  
 Ao pezo de cem pomos sazoados.

Illustre Magalhaens, quando te vejo  
     O estro alticadente!  
     Mas é sublime inveja  
 D'alma isempta de orgulho, que te exalta,  
 E co'a patria se apraz assaz de ouvir-te,  
 E com ella se ufana em possuir-te.

Magalhaens! Magalhaens! Excelso bardo!  
 Dos Basilios rival, rival dos Caldas!  
 Immortal coripheu dos patrios vates!  
     Philosopho preclaro!  
     O vento, que cicia

Sobre nossas cabeças, desaparece ;  
O relampo, que brilha logo morre ;  
O esteiro, que o batel no pego deixa  
    Manso e manso se extingue,  
E marmorea columna de evo em evo  
Debastando se vae do tempo á lima,  
Té que de toda ao solo se annivela,  
    E da existencia sua  
As gerações signal algum não herdam ;  
Mas de Homero e Virgilio e Tasso e Milton  
Sempiternos serão os monumentos,  
Que seus genios aos genios seus ergueram.

Assim tua lembrança  
Esses padroens, que elevas, perennizam !  
E, como ondas de luz do sol fulgente,  
Teu nome sobre a terra se derrama ;  
Teu nome, que o Senhor abençoara  
    La quando meditavas  
    Sobre os exparsos restos,  
Venerandas reliquias de alta Roma,  
Que tanto os seus heroes engrandeceram  
E que hoje escrava e malfadada soffre  
Ferros, escravidão ! Ah dos sepulchros  
Não despertam Catoens e Fabianos,  
E Cassios, Brutos, Scipioens, Camillos,  
Que a vinguem de seus barbaros tyrannos !

Oh que então la, distante d'esta patria,

Era doce a tua alma  
O echo de seu nome!  
Per ella suspiravas,  
E cada teu suspiro era um moimento  
Que á gloria sua egregio levantavas!

Magalhaens! Magalhaens! Esmalte e honra  
Das brasílicas plagas!  
Si tu sem conductor - so, adejando  
Da memoria no templo penetaste  
Ao genio, ao estro teu tudo deveste,  
— Que o sol mesmo illumina a rota sua!  
Porem eu, que qual ave implume ainda  
Não me é dado alear, seguir não ousou  
De aguia robusta o acelerado voo,  
Aquem seu voo iuvita o arrimo invoco;  
Aveza-me a ensaiar as debois azas,  
Ensina-me a subir da terra aos astros,  
Que a pura, sancta flamma,  
Que á minha mente abraza,  
Me excita á gloria, me convida á fama.



### III.

#### O MALMEQUER.

Oraculo de amor,  
Propicio lhe responde.

ANTONIO JOSÉ.

Inda prazeres e incantos  
A terra me offerecia,  
E tam somente de flores  
Esmaltada a terra via.

Não sabia o que era o mundo,  
Não conhecia os humanos,  
Ignorava a existencia  
De enredos, dolos, inganos.

E eu ja te amava, Corina,  
Sem saber o que era amor!  
E eu ja te amava e adorava,  
Todo ventura e cañdor!

Quando meigo e sorrateiro  
A teus braços me furtava,  
E os lábios nacarados  
Das irmãs tuas beijava;

E com ellas me entretinha  
Em os ludos infantis,  
Tu assomavas do pejo  
A cor ás faces gentis.

E enfadada te mostravas,  
Negavas-me um teu sorrir,  
Desviavas-me teus olhos,  
Desdenhavas de me ouvir.

Si eu exclamava: « — Eu te amo! — »  
Ternamente te abraçando,  
« — Da-me a prova, — » me dizias,  
Um malmequer me ofertando.

Uma per uma a florinha  
Os seus pétalos perdia,  
« — Bem me queres, mal me queres, — »  
Desfolhando eu repetia.

E per fim o derradeiro  
Firmava-te meu amor,  
E para contrariar-a  
Tu colhias outra flor.

E á palavra « — mal me queres — »  
A ultima folha soltavas,  
E então para mim olhando  
« — Não me estimas! — » me voltavas!

E eu ainda te estimo!  
Inda te adoro e te quero,  
Que alma d'esta minh'alma  
Ainda te considero!

Corina, Corina infida,  
Para sempre me esqueceste!  
Ao malvado malmequer  
Tam cruel credito deste!

Ah de novo á flor pergunta  
Si eu não sei, bella, te amar;  
Si ella responder-te: « — sim — »  
Tu podes a acreditar.

Si ella responder-te: « — não — »  
Não lhe vas credito dar,  
Qu'inda existe outro petalo,  
Que ha-de tudo confirmar.

Esse petalo negar-te.  
Meu amor não pode, não;  
Eil-o aqui dentro em meu peito,  
Eis aqui — meu coração! —



IV.

SAUDAÇÃO

AO DIA 7 DE SETEMBRO EM 1838.

Ille dies,  
Qui primus alma risit adorea.  
HORATIO.

Como alegre desponha  
No rúbido horisonte  
O dia á liberdade consagrado,  
Em que brasilia gente  
Magnanima quebrou as vis cadeias  
Da infanda tyrannia!

Assim outrora, vós, nascente povo,  
De gloria vos cobristes  
Quando de Ganabára os invazores  
De golpe anniquilastes!

Assim outrora viram  
Os cavernosos, altos Guararapes  
Domado o orgulho de batavas hostes,  
Be'c'oados de louro os celsos cabos  
Do brasileiro exercito.

Assim outrora da africana turba, (\*)  
 Que á sombra das palmeiras se abrigava,  
 Da lâmina fulgente aos duros córtes,  
 Rotos, espersos esquadroens traidores  
 Viu o Paulista, (\*\*) impavido guerreiro,  
 Per entre espessos turbilhoens de fumo,  
 E rompentes pelouros sibilantes,  
 Que troantes horriveis vomitavam  
 Os inflammados brouzes ribombando,  
 Quaes terriveis trovoens rasgando as nuvens.

Dia de minha patria eu te saúdo !

Dia de minha patria,

A ti darei meus hymnos !

Da liberdade so o gran triumpho

Ineffavel prazer me outorga ao peito !

Brasil, oh patria exulta!

Esse, que entornas amargoso pranto

Hoje teus olhos macerar não deve ;

Roce-te o riso as faces, d'ellas fuja

A pallida tristeza ;

Os males teus esquece ;

Teus suspiros não mais os ares cortem.

Dia de minha patria, eu te saúdo !

Dia de minha patria,

A ti darei meus hymnos !

Da liberdade so o gran triumpho

Ineffável prazer me outorga ao peito !

(\*) Os Palmares.

(\*\*) Domingos Jorges.

Brasileiros!.. De vós somente a patria  
Aos males seus o refregerio aguarda!  
Em laço estreito uní-vos,  
Extingui as discordias!  
Das bem-nascidas almas  
Não são os odios, as paixões partilha!  
Eia a patria arrancae do negro abysmo  
De horrorosa anarchia!  
La ridente porvir eis nasce, eis surge!  
Liberdade! La vem teus dons caelestes!  
Eis nações do universo, oh pasmo, oh gloria!  
Modelo das nações te apontam, patria!....



V.

AO JOVEM VATE

*Joaquim Norberto de Souza Silva.*

Lendo teus versos.

Dice entre mim — Depõe . . . a lyra,  
Ja velha, ja cansada;  
Que este mancebo vem tomar-te os louros  
Ganhados n'aurea quadra.

FRANCISCO MANUEL.

Quem é aquelle jovem,  
Que, a sonôrosa cythara pulsando,  
Canta com doce voz melodiosa  
O dia em que o Brasil lançou per terra  
Os grilhoens que seus pulsos arroxavam?

Novo, canoro cysne  
Canta da patria os feitos assombrosos,  
Seus triumphos, seu nome e a gloria sua,  
Crava n'elle o Brasil contente os olhos;  
Applauda o choro dos celestes anjos,  
Da harmonia as cytharas tangendo,  
O fluminense vate.

Assim da velha Seocia em priscos tempos  
 De Oscar o cego pae, (\*) inclyto bardo,  
     Vibrando as chords d'ouro  
     Da harmoniosa lyra  
 As acções dos heroes da patria filhos  
     Memorava sublime!

Assim de Thracia o vate, (\*\*)  
 Junctando a voz divina ao som do plectro,  
 Os penedos, as rochas abalava  
     Os euros suspendia!

Bardo da patria minha,  
 Tu choras, tu soluças  
 Contemplando o Brasil delacerado  
     Per maons de impios algozes?  
 Oh não pranteies, não suspires triste!  
     Empunha a lyra d'ouro  
 Canta e breve a seus males poraz termo;  
 Canta e veraz os tigres sanguinosos  
 Os jubados leoens deixando as brenhas  
 Correrem a teus pes para escutar-te,  
 E submissos cumprirem teus mandados!

JONIO AMÉRICO.



(\*) Ossian, filho de Fingal.

(\*\*) Orpheu.

VI.

A JÔNIO AMÉRICO.

Au banquet de la vie, infortuné convive,  
J'apparus un jour et je meurs !  
GILBERT.

Do patrio amor ardendo em pulchras flammæ  
De novo as aureas chordas maguava  
Da lyra, por cantar brasiília gloria,  
Mas eis que a voz rouqueja !

Do impectuoso, enthusiasmo sancto  
Ja se apaga o furor, ja me não pulsa  
O sangue as veias, ja debil palpita  
O coração no peito.

Balbuçiantes em meus frios labios,  
Tinctos de pallidez, morrem-me os versos,  
Que o bello ceo da patria me inspirara  
Em socegada noite.

Em socegada noite quando triste  
Via brilhar nas aguas as estrellas  
E da pállida lua os frouxos raios  
Os montes branquejavam :

E em silencio de morte a natureza  
Estava como agora..... Como agora?  
Oh meus férvidos ais o estão quebrando,  
E os gemidos do mocho!....

No leito me revolve da doença ,  
Onde em breve talvez meus dias murchem!  
Ainda hontem nasci, ja hoje a morte  
Vem terminar-me a vida!....

Morrer..... Oh que lembrança me flagella!  
Morrer..... Oh eis o fim das dores nossas!  
Morrer..... Não me entimida, mas saudoso  
Na terra te não deixo ?

E meu pae, meus irmaons e meus amigos.....  
Amigos?... Eis-me so aqui gemendo ,  
Qual solitaria no envergado ramo  
A gemebunda rola!

Eu o estadio sou onde pleiteam  
A vida e a morte, e cada qual se esforça  
Por vencer, e minh'alma como o escudo  
Os golpes seus recebe!

De momento a momento a dor me cresce ,  
Como no mar dos ventos açoutada  
Mais e mais vão-se erguendo inquietas ondas  
Té bejarem as nuvens.

De meu peito os suspiros maguados  
Erram sob estes tectos, quaes nas tristes  
E escuras penedias os bramidos  
Do tímido oceano.

O Deus, que dos christaons attende os rogos ,  
Quiçá os males meus co'a morte finde ,  
Ou talvez os abrande , como abranda  
Horrendas tempestades.

Então com que prazer tomando a lyra  
Não contarei de novo o gran triumpho  
Da vencedora patria, sem que as vozes  
Nas fauces me rouquejem !

Então com que prazer , eximio vate,  
Abrazado nas flammæ sacrosanctas  
Da grandiloqua, diva poesia ,  
Não te darei meus hymnos !

Mas em quanto a doença me enlanguedece ,  
E me apunhal-a a dor , me escalda a febre ,  
Manda-me versos teus , que me consolem ,  
E o tédio me dissipem.



VII.

DESPEDIDAS

*a meu irmão J. J. de S. S. Rio.*

Pensa ch'io resto e peno ;  
E qualche volta almeno  
Recordati di me.  
METASTASIO.

Amanhan saudade austera  
Virá meu peito opprimir !  
Amanhan dos braços meus  
Ver-te-hei triste partir !

Mal rutila alva serena  
As ondas te entregaraz ,  
E enternecido na praia ,  
Amigo , me deixaraz.

Tam ligeiro como o vento,  
O baxel lavrando os mares  
Te ausentará de mim triste ,  
Augmentará meus pezares.

No horisonte affoguedo  
Meus olhos se perderão;  
Anciosos por te verem  
Em balde te buscarão.

D'este amplexo, que nos une  
Em momento tão saudoso,  
Jamais, jamais te deslembre,  
Terno irmão meu, carinhoso.

Como o sabiá, que adeja  
Ao longo da cara amante,  
Sem d'ella infido esquecer-se  
Nem siquer um so instante;

Assim, distante de mim,  
Não me debes olvidar;  
Mais e mais, como a ti proprio,  
Saibas sempre me estimar.

Este rúbido suspiro,  
Esta flor. rouxa saudade,  
Te lembrem algumas vezes  
Nossas juras de amisade.

Quaes lembram juras sagradas  
Ao mais fiel amator  
Negras tranças, que lhe dera  
O seu lindo e grato amor.

Vae jubiloso abraçar  
A jovem, querida esposa,  
E a innocente filhinha,  
Mais que os cherubins formosa.

Vae; — ha muito ellas te esperam  
Cheias de dor e amargura;  
Vae; — muda pezares tantos  
Em momentos de ventura.

Vae; — leva este meu amplexo  
E estas ternas despedidas,  
— Suspiros d'alma exhalados  
Em endeixas mal carpidas.



## VIII.

### Ã GUERRA.

O ANJO.

Mortaes é vossa obra — civil guerra!

RODOS.

Morte, destruição, silencio, cahos!

Só Deus é sempiterno, forte e justo!

ANAÛJO PORTO-ALEGRE.

— A' guerra! A' guerra! A' guerra! —

Eis o grito de horror,  
Que á humanidade arranca  
Gemidos de pavor!

Nos coraçoes das mães  
O susto se derrama,  
Da mocidade o peito  
Da gloria cresta a flamma.

Da terra os claros rios  
De sangue vão tingir-se,  
De ruínas e de estragos  
Os campos vão cobrir-se.

— A' guerra! A' guerra! A' guerra! —  
 Eis o grito de horror -  
 Que á humanidade arranca  
 Gemidos de pavor!

— A' guerra! Sim, á guerra! — Armas retinem!  
 De toda a parte combatentes surgem!  
 Qual das montanhas baixa  
 Accelerado rio,  
 E c'roado de troncos, ramos, cantos  
 Lá entra no oceano;  
 Soam nos ares horridos bramidos,  
 E rojado lá fóra o mar ribomba!  
 Assim desce das grimpas  
 Dos elevados montes  
 Feroz, armada alluvião guerreira.

Os vistosos pennachos, que meneia  
 Na pressurosa marcha,  
 Os pendoeus que do vento ao sopro adejam  
 E os coloridos trajos,  
 Co'as erriçadas lanças pontiagudas  
 Qual movediço bosque se afigura.

Ja nas ferteis campinas se enfileira  
 Em torno aos estandartes undulantes  
 A flor da mocidade;  
 Despidas da ferrugem  
 Da boa e amiga paz que as consumia,  
 As lanças, as espadas retinindo.

Do sol reflectem coruscantes raios.

La vem trotando ao som da marcia tuba

A briosa cavallaria intrepida :

Relincham os ginetes ;

O ar suberbos com a cauda açoutam ,

Co'as maons a terra escarvam ,

E os duros freios tascam ,

Anhelantes de fumo , enxofre e sangue ,

E bellicos horrores.

Tardios, nedios bois tiram os tubos

Pezados, que horrorosos veem rodando ,

Que prestes inflamados

Vomitarão em negro fumo involtos

Estragos, cruas mortes,

Inimigas falanges mitralhando.

Todo o campo qualhado

De brava soldadesca e trem guerreiro ,

Todo ja se amultua ;

E alfim da guerra o grito echoa, estronda ;

« — A's armas ! — » soa, e ás armas correm todos,

E ao longe o vento vae bradando « — A's armas ! — »

Longinquos sons se ouvem ;

La uma alluvião de armados homens

D'entre o bosque saído, vem marchando ;

Os feros brutos galopando, nitrem ;

Tinem as armas, roda a artilheria ,

E a griça dos guerreiros ,  
 E o rufar dos tambores ,  
 E o canglor das trombetas ,  
 Se mesclam , se harmonisam ,  
 Como formando um canticó de guerra.  
 São os contrarios ! São os inimigos !

Porem risonho inda é tudo  
 Tudo paz inda respira :  
 Inda per entre os raminhos  
 Das arv'res aura suspira.

Inda prazeres e incantos  
 Offerece a natureza ,  
 Inda em flores se surri  
 Inda em si tudo é belleza.

Inda os regatos serenos  
 Se escoam pelas campinas ;  
 Inda do sol doura a luz  
 As verdejantes campinas.

Inda as aves amorosas  
 Com suave melodia  
 Saüdam ao Creador ,  
 Enchem tudo de harmonia.

Inda.... Ceos, que expectaculo horroroso !  
 Sumiu-se a natureza, é tudo inferno !  
 La mil trovoens rebentam !

Relampagos fuzilam!  
 E coriscos flammejam!  
 E raios se incendeião!  
 E tudo se enfumaça!

Em densos negros rollos embrulhada  
 Ululando lá sae a irosa morte!

Como uma orchestra de trovoens terriveis  
 Rouqueja o bronzeo tubo,  
 Terror - susto e pavor vibrando em raios!....  
 Como as ondas dos ventos açoutadas,  
 Como a grimpa dos bosques verdinegra  
 Varrida pelo sopro da tormenta,  
 Fileiras e fileiras  
 Se agitam de bravosos combatentes!....  
 Qual no seio da escuridão da noite  
 Ardem coriscos mil, raios scintillam,  
 Per entre turbilhoens de tetro fumo  
 Relampejam espadas se cruzando!....

Qual tímida tormenta  
 Roçando a superficie das campinas  
 Co'as azas sussurrantes,  
 Turbilhoens de poeira aos ceos arroja,  
 Não de outra sorte os rábidos cavallo  
 Pelas longas planuras golopando  
 Pulvereadas nuvens sobem;  
 No dorso em fofos vellos 'spuma alveja,  
 Rouxeam em sangue tinctas crespas caudas,

E patas no trotar faiscam lume ;  
 No freio enxofre tascam ,  
 Em furia se affoguem ,  
 Da batalha o horror mais os anima !

Ao crebo trovejar do rouco bronze  
 Varrem o campo chuvas de mitralha ;  
 Ao longe os montes troam !  
 Horrorisada geme a natureza !  
 Erinam-se os brutos nas annosas mattas !  
 De estupendas figuras mal formadas  
 Pelas sulphureas nuvens  
 Vasto o plaino dos ares se povoa ;  
 Hieroglyphicos talvez que sejam ellas  
 Dos crimes dos humanos !

Que conflicto ! Que horror ! Que atrocidades !...  
 Como da humanidade as leis se calcam !...  
 Oh como humanos peitos se encruecem  
 N'esse baile de sangue e morticínio !  
 Oh como se ensurdecem  
 Aos ais de dor - de morte ,  
 Ouvindo a orchestra que murmura a guerra !

Aos claustros dos avernos  
 Como seguros vão das prezas suas  
 Frenéticos demônios  
 A enclausstrar os monstros , que pelejam  
 Pola injustiça atroz de vis tyrannos !  
 Satan , o negro chefe ,

Gloria do inferno, horror da humanidade,  
Ve seu reino avultar, de gosto exulta!

Nos esquadroens a raiva se requinta;  
As scenas de pavor se multiplicam,  
E em toda a parte a morte alfin triumpha!

Cobre o campo da guerra o horror co'as azas  
Negras de rouxas nódoas salpicadas!

— Victoria! — Eis bradam vencedoras hostes,  
— Victoria! — Eis soa pelos longos campos!  
Contrarios batalhoens attropelados  
Ja cheios de terror, dispersos, rotos,  
Na amplitude do campo se derramam;  
Não de outra sorte nos escuros seios  
    De tenebrosa noite  
    Fulgido meteoro  
Esparge pelos ares, que allumia,  
Claras chispas, que nem momentos duram.

O hymno da victoria  
    De boca em boca echoa;  
Vivas e vivas a milhar se escutam,  
E canticos festivos mil se alternam.

Surri-se em mais de um rosto  
Da fadiga guerreira comprimido  
A ruidosa alegria;— o horror esvae-se,  
    E peitos cem respiram,

Nãoja fumo e poeira e enxofre e sangue ,  
 Mas inda o dor de guerra !  
 Ao lado dos cadav'res se estiriçam  
 Prostrados de fadiga ,  
 Guerreiros que na pugna se esforçaram ,  
 E as forças exauriram ;  
 Dormem da vida o somno , juncto d'esses  
 Cujos olhos a morte abotoara.

Compadecida a taciturna noite  
 Sobre o campo de sangue e de ruínas  
 Placidamente estende os veos funéreos.

E de toda extincta a noite  
 Eis desponta o sol radioso,  
 Mas n'esses tam bellos sitios,  
 —Onde o sabiá plumoso  
 Seus amores descantando,  
 Com seu canto sonoro  
 Ia os pradõs animando ;  
 —Onde os limpidos arroyos  
 Meigamente sussurravam  
 Per entre agrestes florinhas,  
 Que amorosos osculavam ;  
 —Onde livres percorriam  
 Os tapires que avultavam  
 E a fresca relva pasciam ;  
 —Onde a meiga primavera  
 Cheia de vida e fulgores

Bordava os vales, os bosques  
Com festoens de lindas flores:  
— Onde as brizas respiravam  
Gratos, suaves odores,  
Que os ares embalsamavam,  
Fuma a gora um mar de sangue  
E' tudo desolação,  
E' uma cópia do inferno,  
Qu'ao mais duro coração  
Arranca mil ais de horror,  
De piedade e de dor.

Ah nunca em paz permaneceis, humanos!

Agrada-vos a guerra,  
A filha da ambição, que a face ao globo  
De ruínas alastra!  
Quam loucos sois, oh miseros humanos!

A vossa razão  
Está na victoria  
Que a alma vos incha  
De tímida gloria,  
E é menos que a vida,  
Ja tam transitoria.

E' vossa justiça  
O glaudio da guerra,  
Que de sangue alaga  
A espavorida terra,  
E a paz de seu seio  
Azinha desterra.

De vossa razão  
São os tribunaes  
Os campos da guerra,  
Onde pleiteaes  
Com forças pujantes,  
Porem nunca eguaes.

Quam loucos sois, oh miseros humanos!



## IX.

### O GENIO.

*Ao Illm. Sr. M. de Araüjo Porto Alegre.*

La deuda . . .  
Que se debe a tu fama y a tu gloria,  
Que es deuda general, no sollo mia  
Mas de qualquer ingenio peregrino  
Que celebra lo digno de memoria.

GARCILASO.

Quem poderá negar tributo ao genio  
Sem que dentro no peito  
Gelado traga o coração de inveja?  
Sem que tenha por maxima absurda  
Toda a veneração que lhe é prescripta?  
E justiceiro e probó

Quem, Araüjo so ao ver-te e ouvir-te  
Não dirá: « — Eis aqui o homem de genio ,  
Tributemos-lhe mérita homenagem ! — »

Quem levado do sancto enthusiasmo ,  
E todo amor da patria  
O coração , qual chammá borbulhando ,

Repleta de ficções a acceza mente ,  
 Se ufanando co' a patria em possuir-te  
 Não soltará do peito a voz canora  
 Para louvar-te , oh genio !

Ja na cadente cythara brasilia  
 Do immortal Magalhaens , do bardo eximio ,  
 Teu nome engrandecido  
 Pelo universo echqa ;  
 Debil aguia , que o ninho desampara  
 Ainda implume e ávidas de plumas ,  
 Segue arrojada os voos transcendentés  
 De quem o ser houvera :  
 — Honra , gloria louvor se dê ao genio ,  
 — Honra , gloria , louvor eu te dedico !

Ora impunhando a lyra  
 Te vejo desferir suberbos voos ,  
 Pelos magos saloens da phantasia !  
 Ora o pincel tomando  
 A par te elevas de estremados mestres ,  
 Sem temor de arrostar da inveja as iras !  
 E sempre , sempre es grande !  
 Sempre altivo e sublime !

Assim de Buonarotti  
 O genio se levanta aos ceos de gloria ,  
 D' altos prodigios , de primores d' arte  
 Enchendo o velho boquiaberto mundo ;

Assim dos evos torna  
 Seu nome respeitavel, e com elles  
 Mais a mais se engrandece e se sublima!

Oh genio, eu te admiro!  
 Eu folgo de te ver, cheio de pasmô,  
 Quando caminho vaz da celsa gloria  
 Altivo assuberbando!

Librado nas velozes pandas azas  
 Da terra se alevanta  
 O condor, domador das tempestades,  
 E o gremio do trovão transpondo hardido  
 Vae encarar os astros!

Assim deixando a terra,  
 Sàtyricos murmurios desdênhando,  
 Sobes a ceos de gloria,  
 E vaz do Omnipotente  
 Haver inspiraçoens sacras, divinas;  
 Às obras do Senhor daz novo esmalte!  
 Exaltas, engrandeces os primores  
 De Deus! Não és mortal! Não és! — És nume!

Como os dourados astros scintillantes,  
 Em oblongas ellipses  
 Arrastando seus mantos luminosos,  
 De seculos em seculos  
 Magestosos se antolham  
 À terra, que ignorante prevê n'elles

Presagos de ruínas,  
Assim de evo em evo  
Desce o genio ás nações, que com assombro  
Veem os prodigios seus, a força sua,  
A força do Senhor, que elle reflecte  
Como reflecte a luz do sol a lua,

Como de primavera em primavera  
O solo reverdece,  
Assim de quando em quando  
Na voz da fama soará teu nome.

Eis o espaço — a imagem do infinito!  
Eis o espaço, — a única morada  
Capaz de em si conter as maravilhas  
Do Senhor do universo!  
Eis o espaço, — o teu theatro, oh genio!  
Assuberba-o domina-o com teus cantos!  
Com teus paineis de gloria!

Honra p'ra ti, renome para a patria,  
E ufania p'ra nós, — eis o teu premio!



X.

RESPOSTA

*ao Sr. J. Norberto de S. S.*

Quem deu ao rouxinol canoros hymnos ,  
Nenias ao sabiá , perfume á rosa ,  
O mysterio decifra de nossa alma  
Quando precoz na lyra um hymno exalça  
De insólita harmonia.

E' feliz o mortal em cuja frente  
Marcou do ingenho o sello a providencia!  
Ja co' o dedo infantil activa as molas  
Da machina melodica, que ovante  
Prodigios mil engendra.

Homero e Galileu e Dante e Newton  
Genios nasceram , não se fazem genios :  
Virgilio e Rafael e outras glorias  
São mysterios p'ra nós ; houve em suas almas  
Mais que em nós um sentido.

É jovem o teu corpo, adulta a mente,  
 Oh athleta infantil, que a lyra d'ouro  
 Magestoso e preclaro já manejas,  
 Como um velho guerreiro o marcio gladio,  
 O fim é teu principio!

Desdobra, aguia brasilica, as amplas azas,  
 Devassa a immensidade, mede o espaço,  
 E aos ouvidos mortaes, aos meus ouvidos  
 Vem modular dos anjos a harmonia,  
 Vem o ceo retractar-me!

Oh destro nadador, lança-te ás ondás  
 Do oceano do mundo; o genio é força!  
 Co' elle pezam-se os soes, vara-se a terra;  
 Elle so o pousal da eternidade  
 Laureado penetra.

Levanta o reposteiro qu' inda encobre  
 Do divino Brasil tanta magia:.....  
 Alma de artista, borbulhando dulcias,  
 Paira no ether que perfume exhala;  
 Oh deixa a baixa terra!

O myrhado egoismo em aureas vestes  
 Seu imporio na patria altivo cria;  
 Escudam-lhe traidores publicistas,  
 Que ante as aras do ouro a fronte inclinam,  
 Da corrupção apostolos!

Com triplicada malha o peito afferram,  
Co' o pincel da verdade a traição pintam,  
Rolam impunes da mentira o carro  
Traficando a virtude. As lupercas  
Nos clubs sê inauguram.

Não ;— a serpente invisível que elles nutrem,  
De toxico infernal em aureos cyathos,  
Um dia sibilando em tredo emboque  
Os ha-de atassalhar ! Não ha relampago  
Que ao raio não preceda.

Desm'ronados p'ra sempre esses collossos,  
Essas glorias de infamia, o cinzel posthumo  
Gravará : « — Maldição ! — » Negro moimento  
Narcoticos vapores exhalando  
Será seu epithaphio.

Como um vulcão extincto, recordando  
As passadas desgraças dos humanos,  
Inglórios vivirão esses proscriptos,  
Filhos espúrios da moral eterna  
De nossa cara patria.

Tarde p'ra nós, porque, talvez, na terra  
Não possamos ouvir os sons da lyra,  
Que n'um ether mais puro então vibrando  
O prestito forão de aureo triumpho  
Da sua prosperidade.

Sim, tarde para nós, que deslizamos  
Os canticos de amor entre os soluços,  
E a celeuma terrível da avareza,  
Que os templos em mercados converteram  
E a verdade em dinheiro.

Coragem, meu Norberto! Inda na arena  
Do vasto amphitheatro, em que pelejam,  
Victoria não bradou essa auriflamma;  
No altar asqueroso da impudencia  
Não é total o insenço.

Emenda um erro teu: — na taça d'ouro,  
Onde e genio divino o néctar liba,  
Mediocre liçor não mais satures:  
Genio é um Buonarotti, um Tasso, um Vinci,  
E não mesquinho artista.

De um pródigo louvor nasce a ironia,  
Nasce da profusão sempre a miséria;  
No Olimpo não frue o deus Rediculo  
D'Isis o néctar consagrado a Jove!  
Modera os teus transportes.

Reflecte o coração sons de nossa alma,  
Essa lyra que Deus, parco entregou-te;  
Nem sempre o homem d'armas é guerreiro:  
Co' os astros confundir-se-hia o p'rilampo  
Si eterna luz tivesse.

M. DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

## XI.

### A CONFISSÃO.

Io t'amo. — Ah dal labbro  
M'usci l'empia parola!... Io t'amo, io muojo  
D'amor per ti.

SILVIO PELLICO.

Saber intentas  
Porque estou triste,  
Porque meu peito  
Gemendo existe;

Si eu revellar-te  
O meu pezar,  
Tu me não has-de  
Accreditar;

Que ainda puro  
Teu coração  
Palpita isempto  
D' ignea paixão.

Tu que és da terra  
O ornamento,  
Tu és a causa  
De meu tormento!.....

Dentro em meu peito  
Tenho uma dor.....  
Dentro em meu peito  
Existe amor!....



## XII.

### A FORTUNA.

Siempre tranquilo , moderado siempre  
Com igual frente me verás, o cruda!  
Sin que provoque tu rigor, ni á viles  
Lloros acuda.

MELÉNDEZ.

Que me importa! Debalde me fazes  
Mil promessas de bens lisongeiras!  
Tuas vozes infidas, arteiras,  
Inganar-me jamais poderão!

Oh vae-te, Fortuna,  
Assaz te conheço,  
Eu não te obedeco,  
Tu cansas-te em vão!

Terra e mar muda em aureos thesouros,  
E veraz que essa immensa riqueza  
Inda é pouca á mundana avareza,  
Mas em mim não desperta ambição.

Oh vae-te, Fortuna,  
Assaz te conheço,  
Eu não te obedeço,  
Tu cansas-te em vão!

Si ora esparges, sorrindo venturas,  
Bens precarios, infidos carinhos,  
Logo os tornas em males damninhos,  
Que co'a morte so tem extinção.

Oh vae-te, Fortuna,  
Assaz te conheço,  
Eu não te obedeço,  
Tu cansas-te em vão!

Sobre o pego o baxel mareando,  
O chatim cubiçoso se ufana.....  
Eis o prosta tormenta tyranna....  
Ruge o vento..... ronqueja o trovão....,

Oh vae-te, Fortuna,  
Assaz te conheço,  
Eu não te obedeço,  
Tu cansas-te em vão!

Dorme o rico, de ti satisfeito,  
Em seu catre soberbo, dourado.....  
Amanhan..... infeliz..... desgraçado.....  
Geme em horrida, escura prizão.....

Oh vae-te, Fortuna,  
Assaz te conheço,  
Eu não te obedeço,  
Tu cansas-te em vão!

Queres qu' eu, vil ludíbrio dos mares,  
Minha patria querida deixando,  
E, esta vida de um lenho fiando,  
Te acompanhe com torpe intenção?

Oh vae-te, Fortuna,  
Assaz te conheço,  
Eu não te obedeço,  
Tu cansas-te em vão!

Queres qu' eu, embuçado no manto  
Do redic'lo, do vicio e do crime,  
Aos preceitos da honra me exime.  
E me entregue de todo a ambição?

Oh vae-te, Fortuna,  
Assaz te conheço  
Eu não te obedeço,  
Tu cansas-te em vão!

Porque mimos agora me offertas?  
Porque queres assim fascinar-me?  
Tu não podes constante outorgar-me  
Gratos bens de eternal duração.

Oh vae-te, Fortuna,  
Assaz te conheço,  
Eu não te obedeço.  
Tu cansas-te em vão!



### XIII.

#### A' IRILIA.

Il tuo disprezzo intendo!  
Metastasio.

Nada valem meus queixumes,  
Choro, e ella me não ere!

SILVA ALVARENGA.

Írilia formosa ,  
Cuidado d'esta alma ,  
A negra incerteza  
Do peito me acalma.

Decide , anjo meu ,  
Ja de minha sorte ;  
Ou manda-me a vida  
Ou manda-me a morte.

Um *sim* de teus labios  
Vigor me dará ,  
Um *não*.      ah , na campa  
Me despenhará !

Mas tu decidires  
Com um *sim* ou um *não* ? !  
Oh ceos, que não pode  
O teu coração ! ..

Tu queres, tyrauna,  
De mil amadores,  
Que culto te rendem  
De bella louvores.

E não ves, ingrata,  
Qu'è nulla a belleza  
No peito, que tem  
De rocha a dureza !

Amar-te é o mesmo  
Que estatuas amar  
Nas quaes o esculptor  
Se soube esmerar.

Estatua te mostras.  
Estatua seraz,  
Por tal no universo  
Renome teraz,

A quem perguntar-me  
Quem é que me inspira  
Mil versos cadentes,  
Que canto na lyra.

Direi : « — Uma estatua ,  
Que Iriúia se chama ,  
Que não sente o fogo  
Que tanto me inflamma. — »



## XIV.

### O POETA DESGRAÇADO.

O favor, com que mais se accende o ingenho,  
Não o dá a patria não, que está mettida  
No gosto da cubiça e na rudeza  
D'uma austera apagada e vil tristeza.

CAMOENS.

Cantor da gloria alticadente, egregio,  
Fugazes voam de ventura as horas  
Porêm o nome do inditoso vate  
Séculos dura.

Nem sempre o manto da estação risonha  
O prado borda de olorosas flores;  
Eis lhe succede pavoroso e feio  
Frígido inverno.

Após momentos de prazer suavé,  
Que quaes relampos pressurosos passam,  
De atros pezares enfadonhos temos  
Prólixos annos.

Aos sons da lyra so gemer te é dado?  
Oh mais não cantas da formosa Lyllia  
Essas, que os anjos lhe doar souberam,  
Mágicas graças?

Mais não empunhas o pincel mimoso?  
Mais não copias os amenos sitios,  
Onde levadas de ventura as horas  
Rápidas foram?

Na negra taça do ferrenho fado  
O fel amargo da existencia provas;  
Continuamente de teus baços olhos  
Lagrymas soltas!

Como te olvidas, oh iniqua patria,  
De quem cantara a liberdade tua  
Aos sons da lyra, que tremer fizera  
Réprobos monstros!. . . .

Dos tristes vates quanto é dura a sorte!  
Da ingrata Smyrna deslebrado Homero  
No manto involto da penuria austera,  
Misero esmola!

Camoens sublime, de Ulysse-a o cysne,  
Que ao luso idioma monumento eterno  
Erguen, a patria té lhe nega, — ingrata! —  
Tácita campa!

Tasso divino das cadeias livre,  
 Que astuto o enredo lhe lançar consegue,  
 Vae..... mas lhe rouba a eternal coroa  
 Rábida a morte!

A França altiva, — a esclarecida França! —  
 Succumbir deixa Malfilatre á fome!  
 Gilbert contempla da indigencia infansta  
 Victima triste!

O fido amante da gentil Marilia  
 Ai mesto vaga nos adustos campos!  
 Entre asp'ros ferros desditoso Claudio  
 Tétrico espira!

Sobre a fogueira chammejante, horrenda  
 A morte affronta o desgraçado Silva! (1)  
 La vae Saldanha (2) da querida Olinda  
 Morrer distante!

Da excelsa gloria como é árduo o trilho!  
 Cumpre constancia e intrepidez ao vate!  
 Alma de Zeno, de Colombo a alma  
 Tudo supera!

Mais pois não chores a mesquinha sorte;  
 Ao cepo attado da cruel desgraça  
 Grande é somente o que a desgraça soffre  
 Inclyto sempre.

(1) Antonio José. (2) José da Natividade Saldanha.

Perenne, oh Jonio, ficará teu nome,  
Qu' ao templo levas da immortal memória,  
Embora o ameace do suberbo tempo  
Hórrido o aspecto!



XV.

À ALEGRIA.

Vem, vem..... unico allivio  
D'esta alma lastimada!  
FRANCISCO MANUEL.

Amena alegria,  
Incanto da terra,  
Ah vem, me desterra  
Do peito o pezar!  
Gratissimo bálsamo  
De consolação,  
Em meu coração  
Ah vem derramar!

Meus olhos sem brilho,  
Ah nem sempre aguas  
Expressão de maguas,  
Devem de verter;  
Mas ardentes prantos,  
Prantos de doçura,  
Que espreme a ventura,  
Vem, vem me espremer.

Teu néctar suave ,  
Que ameiga , que affaga ,  
Que doce embriaga ,  
Eu quero libar ;  
A taça me empresta  
Si quer uma hora ;  
A vida oppressora  
Deixa-me adoçar.

Vem , baixa do ceo ,  
Fagueira alegria ,  
Nume que extasia  
O meu coração ;  
Não queiras cruenta  
Que eu soffra e suspire ,  
Que ardente te aspire  
Porem sempre em vão !



## A VI.

### A MINHA INFANCIA.

Oh minha infancia ! Oh estação de flores !  
De innocente illusão mansão suave !

Inda hoje te appresentas  
Aute mim como a imagem fugitiva  
D'um sonhò que incantou-me a phantasia,  
Ou como a aurora de um formoso dia !

MAGALHAENS.

— Primavera da vida e incanto d'ella  
— Quadra de risos, — estação de flores, —  
— Edade de innocencia e de folguedos; —  
— Somno sem turbação, — socego d'alma, —  
— Meu prazer - percursor de azedas maguas, —  
Oh minha tenra infancia, eu te saúdo !

Graças ao ceo , fruite venturosa ,  
Máu grado meu, veloce me correste  
Para mais não voltar ! Assim fenece  
Aurora ao despontar de fausto dia !  
Morrem bafejos seus , surrisos morrem  
    Que as flores alentavam ,  
    E placidas pendiam ,  
O lacteo calix dé fragante lyrio ;  
Fragante lyrio assim tambem fenece !

— Berço, aonde gozei fagueiro somno .  
 — Rede, em que me embalava prazenteiro,  
 — Batel, em que sosinho me entregava  
 Do ribeirão á rapida corrente,  
 — Bosque, aonde gostava de perder-me,  
 — Zimborios de verdura, altas mangueiras,  
 Que do queimor do sol me resguardaveis,  
 — Choupana, aonde nasci, de toscas palhas,  
 — Companheiro fiel, que me siguias  
 Per valles, montes, que vingava a custo,  
 — Oh mimosos objectos de minh'alma,  
 Luda que o queira deslembrar-vos posso?

No gremio do prazer a dor se esquece,  
 Mas no gremio da dor? — Ah tu, saudade,  
 Tu que presides as lembranças doces  
 Dos ledos tempos, em fugir veloces,  
 Tu, saudade cruenta, tu que o digas!

Na campá do passado hoje repousas,  
 Linda flor da manhan, que á tarde murchas,  
 Verdor da vida minha, minha infancia,  
 E eu vivo sem ti, que a puberdade  
 Me impelle a nova e mui difficil rota,  
 Que ou — á gloria vae ter, — ou ter ao olvido! —

Foi vida de ventura minha vida,  
 Quando logrei-te, infancia,  
 Mas agora? P'ra sempre me deixaste

E por ti inda me palpita ancioso  
No peito o coração, de dor pulsado ;  
Inda a saudade aponta os brandos dias  
Com que tu carinhosa me brindaste !

Eu pois te cantarei, oh minha idade !  
Ir-me-hei ao sitio aonde me inspiravas  
Ruidosos jogos, infantis recreios  
Pedir-lhe inspiraçoens ternas, sensiveis,  
Do passado as ideias remoçando.

Quando dos mortos o astro merencorio,  
Rodeado de funebres estrellas,  
Pela celeste abobada gyrando  
Sobre as campas lançar seus veos funereos,  
Irei chorando visitar a campa  
De minha boa mãe, que ahi jaz, que ahi dorme ;  
    Então tristes saudades,  
    Gratos prazeres d'alma,  
Me virão acordar doces lembranças  
    De meus extinctos annos,  
E lagrymas amargas de meus olhos  
Em fio regarão a fria lousa  
    Do tácito sepulchro.

---

## XVII.

### E EU TE AMO!

Si pois amor ordemna  
Que adore essa belleza,  
Será minha firmeza  
Eternamente adorar.

ANTONIO JOSÉ.

— Tu me dizes, linda virgem,  
Que me não podes amar,  
Que livre não é teu peito  
Para amor me tributar.

— Tu me dizes; e eu te amo  
E é teu meu coração,  
Altar, aonde minh'alma  
Te dedica adoração!

— Tu me dizes; e esses olhos  
Tam puros e angelicaes,  
De que sou por ti amado  
Estão-me dando signaes!

Os labios, oh bella Irilia,  
Fallam ás vezes em vão,  
Mas os olhos nunca mentem,  
Que de amor os orgams são.

Teus olhos são quaes dois soes,  
Teus labios igneos rubins,  
Tuas faces duas rosas  
Rodeadas de jasmins.

Tua voz toda harmonia  
Teu fallar todo innocencia,  
Teu sorrir, todo candura,  
Teu olhar todo clemencia.

Tu és toda um puro anjo  
De lindez e perfeição,  
A quem devo tudo dar -  
Alma e vida e coração!

E tu me dizes, Irilia,  
Que me não podes amar,  
Que cesse de te querer,  
Que deixe de te adorar!

Anjo do ceo, que baixaste  
À terra p'ra allivio meu;  
Bem de estima, que jamais  
O ceo á terra cedeu!

Eu deixarei de te amar.....  
Eu deixarei de te ver.....  
Um dia!.... Apos um momento.....  
No instante em que morrer!....



## XVIII.

### A INCONSTANCIA

*de um amigo da infancia.*

Com que prazer innumerados amigos  
Na infancia contractamos,  
E quam facil os perdemos!

**MARALUENS.**

Póde o tempo turrifrago suberbo  
Marmoreos edificios, bronzeos muros  
Prostrar qual igneo raio.

Póde humanas paixoens modificando  
Tornar a angelical, pura belleza  
Chymera a nossos olhos.

E o que na mocidade mais prezamos,  
Na velhice, cercada de experiencias,  
Cercada de trabalhos,

E de horrendas ideias merencorias,  
Que a morte em feio quadro representam,  
Despresivel tornal-o.

E poderá também quem tanto pôde,  
Dous amigos fieis, ternos, sinceros,  
Um de outro alongando,

Illiminar seus nomes da memoria  
Gratas reminiscencias extinguindo  
Dos já passados dias?

Inda te choro a ausencia, caro amigo,  
Contraído na quadra dos singellos  
Innocentes prazeres.

Inda tristes suspiros, triste exhala,  
Pungido pela dor de agra saudade,  
O coração no peito.

E tu de mim, oh vate dos amores,  
Oh eximio cantor das picturescas,  
Nycteroyanas plagas,

Ja te esqueceste; já não mais te lembrás;  
— Vês! — O tempo voraz e carrancudo  
Em uns potente impera!

Mas não em todos os amigos peitos;  
— A barreira, que encontra, é a constancia  
Nos que vencer não pôde.

Sancta flamma da candida amizade  
Que as almas dominaste em priscas eras  
Dos Orestes, dos Pylades.

Dos constantes Damons, dos fidos Pythias  
De Pollux e Castor, que mereceram  
No ethéreo campo assento.

Dos Achilles, quaes raios de vingança  
Fataes de Troya á gente; dos Patrocolos  
Dos Nizos, dos Euryalos;

Maior valia tens do que os thesouros  
Da presumida Sybares faustosa,  
E opulenta Corintho.

Tu és emanação da divindade,  
E eterna aos homens estreitar devias,  
Si a justiça os guiasse.

Ah rutila de novo, sacra flamma,  
Qual rutilaste em venturosos dias,  
Do amigo meu no peito.

E o frio peito inflamma e aquece e obriga  
A suspirar saudoso por quem vive  
A suspirar por elle!



## XIX.

### LAGRYMAS E FLORES

SOBRE A SEPULTURA DE MINHA MÃE,

*Emerenciana Joaquina da Natividade Silva.*

Não mais me ouves! — No tûmulo descausas  
Entre os negros setins da negra morte,  
Ensombrada per fúnebres cyprestes;  
Somno de morte te prostrou nas sombras  
    De triste, horrenda noite;  
Dorme, repousa pois, meu doce affecto,  
Coração, que por mim inda palpita  
    No álveo do sepulchro!  
Bella, como na vida te mostravas,  
    Despertaraz um dia  
Ao som dos hymnos divinaes dos aujos,  
Como a natura aos magicos accentos  
    Das aves innocentes;  
Dorme, repousa pois, meu doce affecto,  
Coração, que por mim inda palpita  
    No álveo do sepulchro!

Eu te amava e me roubou-te a morte,  
 E o túmulo encerrou-te para sempre;  
     Veio de amargosas lagrymas  
     Si quer deixou-me ver-te  
 A derradeira vez no dia extremo;  
 Nem ais de dor, soluços de saudade  
     Responder-te aos adeuses  
 Que nas vascas da morte me dizias,  
 Coração, que por mim inda palpita  
     No álveo do sepulchro!

Oh si é certo que os mortos se alevantam  
 Dos lúgubres seus tum'los, — alta noite, —  
 Quando tudo parece adormecido  
     Nos braços do silencio,  
 E tétrico pallor a lua espalha,  
 Oh sae do somno teu! — Ah vem, recebe  
 De minh'alma a oblação sagrada e pura,  
 Coração, que por mim inda palpita  
     No álveo do sepulchro!

Mas não; não venhas; dorme no teu leito;  
 Horror me causará teu feio especthro,  
 A mim, que contemplava-te formosa,  
     E bella como um anjo,  
 Quando toda candor, toda ledice,  
 Surrindo amores, terna me adoçavas  
 Os labios com mil ósculos ardentes;  
 Dorme, repousa pois, meu doce affecto.

**Coração, que por mim inda palpitas  
No álveo do sepulchro!**

**Eil-a, d'entre as myrrhadas seccas flores  
Das coroas, que te offertado tenho,  
Nova offrenda da cândida minh' alma,  
Nova c'roa de rúbidos suspiros,  
E fúnebres saudades,  
Orvalhada do pranto, que dos olhos  
Em fio se desprende,  
Coração, que por mim suavemente  
Palpitaste de amor, e inda palpitas  
No álveo do sepulchro!**



XX.

A MEU AMIGO

*A. Claudio Soydo Junior.*

Doux charme des humains  
O divine amitié, viens pénétrer nos ames !  
Les cœurs éclairés de tes flammes  
Avec des plaisirs purs, n'ont que des jours sercins.

G. BERNARD.

Não é, illustre Claudio, caro amigo,  
Americano vate,  
O sancto amor da patria que me inspira  
Ora cadentes versos,  
Não o amor da gloria chammejante  
Que me aquece e me inflamma  
O, isempto de remorsos, débil peito,  
Não marciaes portentos  
Dos Dias, Camarons, Vidaes, Rabellos,  
De Olinda deffensores:  
Á amisade, que o peito me guarnece,  
Somente encomeos teço,  
N'este dia, p'ra mim tristonho dia,  
Tam pleno de amargores!

Oh talvez meu amigo, agora folgues  
     Nos braços dos prazeres,  
 — Quiçá ferindo as sonoras chordas  
     À doce, amada lyra,  
 Cantes as graças da gentil Marfiza,  
     Cantes aquelles olhos  
 Divinos, que de aior tam meigos fallam....  
     Os cabellos seus negros,  
 Que em crespas tranças pelos hombros desceem-lhe,  
     As rubicundas faces,  
 Em que brincam sorrisos cento a cento,  
     Os labios milindrosos,  
 Que teem a cor dos doçorosos favos  
     Do pomo da romeira;  
 — Quiçá meditabundo sobre a orla  
     Do Nigtheroy ovante  
 Leves teus olhos pela superficie  
     Das azuladas aguas,  
 Quallhadas de bateis, de naus possantes,  
     Ou contemples as ondas  
 Com trépido murmúrio mal bordando  
     De alviruivas couchinhas  
 A curva e branca e solitária praia;  
     E eu? — Tragado jazo  
 De pezares e dores incessantes,  
     Co'as vagas misturando  
 Gemidos, que do intimo do peito  
     A todo o instante arranco.

Qual infeliz monarcha desthronado ,  
E dos seus esquecido  
Dias lamenta de ventura e gloria ,  
Que plácido gozara ,  
Assim eu arredado dos amigos  
Amargoroso choro  
Momentos que inda ha pouco desfructava  
Nos braços da amisade.

Amavel coração, alma d' est' alma ,  
Queridissimo amigo,  
Consolação extrema eia me envia!  
Manda-me oh divo vate ,  
Teus cantos, que prazer embebem n' alma ,  
Que a natureza pintam  
Quaes do insigne Debret , Lorrain sublime  
Os pinceis delicados ;  
Lendo teus aureos versos, negras máguas,  
Luctuosas imagens ,  
Qu' ante os olhos me rolam cada instante ,  
Serão esvaecidas ,  
Quaes condensadas nuvens de vapores  
As vibrações das brizas ;  
Então sorrisos mil, com ledos gestos,  
Me pousarão nas faces ;  
E enchentes de prazer e de alegria  
Me innundarão o peito.



XVI.

A MEU AMIGO

*J. Norberto de S. S.*

Le monde entier déteste une parjure amante.

A. CHENIER

Estremado cantor, discip'lo eximio  
Do grande Magalhaens, do bardo ovante  
Que adorna do Janeiro as fertes margens,  
E por quem o Janeiro inda ha de um dia,  
Mais do que corre altivo o Amasonas,  
As ondas embater do vasto oceano  
Com violencia tal, com tal impulso  
Que supporão, em vez de feudo antigo,  
Invadir novo mar do mar o seio;  
Estremado cantor. Norberto insigne,  
Que os uivos infernaes de infernaes zoilos  
Ufano despresando, alçando o voo  
Os séculos transpoens, e o nome eterno  
Oppões ao tempo, tragador dos annos,  
Teus versos li! Oh vate, si entre amores  
Si entre prazeres descantando e rindo  
Pensas acaso que a existencia adoço,

Si pensas acertar, illuso existes;  
Quam longe da verdade os passos levas!

No agro viveo martyrios se me envolvem.....  
Ai provo do ciume agro veneno.....  
Abatido meu genio e morto o estro  
Ja da lyra vibrar não busco as chordas.

Teus versos li e súbito em minh' alma  
O prazer e o pezar luctaram ambos;  
A este vence aquelle..... Ah torna o riso;  
Do lethárgico humor que a entorpecia  
A mente se despiu, surgiram graças;  
Norberto, os versos teus, tam doces versos,  
Vida espraíram na espirante vida!

Porem do turvo gosto inda luz debil,  
Qual o relâmpago illudindo as trevas,  
Ligeira do infeliz na vista passa.....  
Nome, que ao proferir me ferve o sangue,  
O punho teu traçou..... Traçou — Marfiza.....  
Duplicaste o vulcão que me afogueia!

Esse de perfeição thesouro avaro,  
Que fez p'ra maltratar-me a natureza,  
Cujas tranças gentis ao sol roubaram  
Radioso esplendor - falsou-me os gostos;  
Foi-me cruel, detesta-me, e si busco  
De novo o amor ganhar com novos brincos

Abrasa-se em furor. — o de mim foge!....  
 Na face angelical em que pousadas  
 As graças vi do ceo, surrindo meigas,  
 No seio virginal, onde negrejam  
 Da ingratição agora os atros bafos,  
 No seio virginal, onde palpitam  
 De neve globos dous que o fogo ateiam  
 Nos peitos dos mortacs, nos debeis peitos,  
 Cervei o coração, curti desejos!

Quantas vezes la n' esses aureos dias  
 Em que foi para mim propicia a sorte,  
 Contemplando-a, enlevado na belleza  
 Endeusado lhe roubava um beijo!  
 Na face angelical então se viam  
 Per entre a neve se surrindo rosas,  
 Os labios seus então, seus rubros labios  
 Brando e fagueiro lhes roçava um riso....  
 Então arrebatado, então braclava:  
 «— Eu te adoro, Marfiza, eu te idolatro! —»  
 E ella com meiga voz dizia: «— Eu te amo! —»

E de pressa essa ingrata, essa alma fera  
 —Parto de furias, — divindade, monstro, —  
 —Horror da natureza — e — gloria sua, —  
 Esqueceu-sa de mim! Ai choro, ai morro!

Tu lembrança fatal, que me exasperas,  
 Que me trazes ao peito a ancia, o fogo,  
 Por que a morte tambem, tambem não trazes?

Porem furias a vós, a vós entrego  
D'essa alma infida a rígida vingança.

Norberto, os versos teus me deram vida,  
Os versos teus também me deram morte.  
Tu que d'esta paixão a causa sabes,  
Viste milhar de extremos, viste o premio,  
Vê si de amor ao minimo contacto  
Não se deve fugir? Nascente origem  
É dos delirios, ais; é chama eterna  
Que sem nos consumir nos rala e come;  
É veneno que em nectar disfarçado  
No peito se derrama, é morte, é tudo!

Ah fuja-se de amor, viva-se isempto,  
E ferro o coração, e bronze o peito  
Aos embates horrificos se mostrem;  
Fuja a illusão também da formosura,  
Que o ceo nos olhos traz e traz a morte,  
Sombra que illude o resplendor á gloria,  
E da verdade a luz formosa illude.

Fèliz me julgo sim; feliz me acclamo  
E julgo-te feliz, por que existimos  
Não corumpidos do lethal contagio.

De novo o estro meu se aquece e inflamma,  
Eia vate sublime extingue as maguas,  
Os seculos transpõe, transcende os astros!

A. CLAUDIO SOYDO JUNIOR.



## XXII.

### QUE FAREI POR TE ABRANDAR.

Porem ja vejo ,  
Que em meu delirio  
Para o martyrio  
So vivo estou !

Антоніо José.

Si a vida é suave ,  
Si é um puro gosto ,  
E não um desgosto  
Ao ente feliz ,  
É duro tormento ,  
É fardo pezado  
A quem o seu fado  
Pranteia infeliz.

Si a morte negreja ,  
Si ao longe apparece ,  
Aquelle estremece  
Passado de horror ;  
Mas este ja baldou  
De seu soffrimento ,  
Appressa o momento  
Da ultima dor.

Assim, minha Irilia,  
Outros mil doçuras,  
Outros mil venturas  
Encontram no amor;  
E eu?— Ah eu libo  
Seu fel amargoso,  
E desventuroso  
Provo teu rigor!

Si a sorte ao inditoso  
Meiga se abrandasse,  
E grato gozasse  
Da vida o prazer.  
Por certo que amando  
A vida ficara,  
Que se horrorisara  
De ter de morrer.

Assim se tu, bella,  
Não fosses tam dura,  
Mui doce sentira  
Teu jugo cruel;  
Na taça dourada  
De grata existencia,  
Por tua clemencia,  
Sorveria mel.

Então, ah diria:  
«— Ja sou venturoso,

Pois do fado iroso  
Victoria alcancei !  
De Irlia formosa ,  
Os duros rigores  
Em gratos favores  
Oh ceos, transformei ! — »

Mas ai, o que faço ?  
O que é que pretendo ?  
Ah estou perdendo  
Todo 'o tempo meu !  
Infausta desgraça !  
De bronze formado  
Pela mão do fado  
Foi o peito teu !



XXIII.

À MINHA AVO MATERNA,

*D. Gertrudes Ignacia Pereira Dutra.*

Hélas ! Elle est seule !... Seule sur la terre !

CHATEAUBRIAND.

Oh mãe de minha mãe, singella e terna  
Lança-me tua abençãam,  
E deixa-me beijar-te as maons rugosas;  
Da-me prazer tammanho!

Mas tu choras e lagrimas ardentes  
Tambem dos olhos meus ja se desprendem ;  
Nunca me vez sinão co'olhos chorosos,  
Nunca me dizes: « — Filho, Deus te guie,  
E do mal te deffenda, — »  
Sem que a phrase soluços te intercortem,  
Nem eu posso jamais a mão beijar-te  
Sem que a humedeça de saudoso pranto !

So nossas almas sabem  
De tam sentida commoção a causa;  
So nossas almas que na dor involtas

Momentos de prazer não mais alcançam!  
 O tempo, que enrugou-te as faces bellas  
 E dos olhos o brilho te ofuscara  
 E tremula tornou-te a voz sonora,  
 E de cans te alvejou a airosa frente,  
 De tudo despojou-te!

Nas pallas da indigencia  
 E no gremio da dor ora suspiras,  
 Confrangida per males incessantes,  
 Per lembranças crueis, equeos d'alma!

O que pensas, contigo o que é que fallas  
 Quando abysmada estaz toda em silencio.  
 Fitos nos ceos os olhos, e cruzados  
 Os braços sobre o peito? —

O que pensas, contigo o que é que fallas?

Passam-se as horas e ainda assim te vejo,  
 Té que dos olhos desce-te uma lagryma,  
 E um suspiro te morre a flor dos labios; —  
 Por quem choras, por quem são teus suspiros?

Perante o crucifício, que pendente  
 Do esbroado pilar hi pallideja  
 Ao funebre clarão de benta vela,  
 Prostrada em devoção per largo espaço  
 Extatica te mostras,

Murmurando oraçoens, mysticos cantos; —  
 Por quem rogas, por quem são tuas preces?

Enfileiradas umas sobre as outras  
As moradas branquejam dos que jazem ;  
Ante ellas passando tu te curvas ,  
E um gemido do peito innoxio arrancas ; —  
Por quem gemes , por quem saudades sentes ?

É tua vida um cúmulo de males ,  
E contas per angustias os teus dias ;  
Orfan — na infancia tua mendigaste  
— Um pão , que te acalmasse a fome ardente ,  
— Um gota , que a sede te apagasse ,  
— Um manto , que a nudez te subtraisse ,  
— Um leito , em que teus membros repousasse  
    Das diarias fadigas ;  
Esposa — de onze filhos te cingiste ,  
— Plantas que ao lavrador deram cuidados ,  
    E a custo vegetaram ,  
Mas qu'ao ardor do sol , do vento ao sopro ,  
Desmaiadas nos agros estenderam-se.....  
Marido e filhos te roubou o fado ,  
E , p'ra mais requintar as máguas tuas ,  
O tens visto arrojarem a fria campã  
Os filhos estimaveis de teus filhos ,  
E os recém-nados , cândidos bisnetos !  
Viuva — na indigencia hoje vegetas ,  
Como em árido campo tenue arbusto !

Oh si eu pudesse a sorte transformar-te  
    Em sorte menos dura ,

Quam feliz n'esse dia me julgara?  
Mas si não durmo sobre humilde catre,  
Vigiado de atroz mendicidade,  
Arrasto uma existencia assaz precaria,  
Sem util ser a mim, aos meus e á patria.

Mas como tu, oh alma de minh alma,  
Na dor eu me resigno,  
Pois jovem sou, e filha da esperanza  
Foi sempre a juventude;  
Não desespero não; talvez que em breve  
Da ventura nos braços,  
Te liberte das garras da penuria.

Lança-me tua abençãam,  
E deixa-me beijar-te as maons rugosas,  
Da-me prazer tammanho;  
E em tuas oraçoens de mim te lembra.



XXIV.

CONSELHO AMOROSO.

Os labios mentem,  
Os olhos não.  
BOCAGE.

A mais ingrata das ingratas todas,  
D'entre as ingratas bellas a mais bella,  
    Irilia desdenhosa,  
Dize, responde, a sábia natureza  
    Que em formar-te esmerou-se,  
Que em ti do ceo as graças resumira,  
    E os encantos da terra,  
Acaso deu-te um coração de ferro,  
Ou os repudios teus serão fingidos?!....  
Responde! — Porem não; primeiro attende;  
    Primeiro ve, Irilia,  
    Qu'esses teus lindos olhos,  
Hieroglyphicos de amor, mentir não sabem!

Quando teus labios,  
Bem adorados,  
Negam que eu seja

Per ti amado,  
Ah dous traidores,  
Que negros são,  
Os desmentindo  
De pressa vão.

São taes traidores  
Os olhos teus,  
Que a todo o instante  
Fallam aos meus,  
Que a todo o instante  
Meu peito inflammam  
E grato nectar  
N'elle derramam.

Quando quizeres,  
Oh lindo amor,  
Que te acredite  
O teu cantor,  
Ao confessares  
Me não amar  
As tenras pálpebras  
Deves fechar.



## XXV.

### UMA TARDE EM NIGTHEROY.

Oh combien à ta vue,  
Des pensées chers et douloureux  
Se present dans mon âme émue.

MOLLEVAUT.

Alta ja vae a tarde. — No occidente  
Descamba mais e mais o sol radioso,  
De rubro e ouro as nuvens colorindo ;  
E favonios brincoens com doces sopros  
Veem a exhalar aromas, sussurrando,  
Como que entoam o canto do crepusculo.

Alta ja vae a tarde. — Arrulha a pomba  
Juncta ao consorte, que amorosa affaga ;  
Saudoso o sabiá nos ares solta  
Gratas modulaçoens, ternas endeixas ;  
Rolam as ondas pelas brancas praias,  
Em alvas flores murmuras quebrando-se.

Alta ja vae a tarde. — Que hora amavel !  
Eu te saúdo, cheio de alegria !  
Sejas bem vinda ao afadigado escravo

Que te contempla com sereno rosto !  
Eu te saúdo, que incender me sinto  
De novo enthusiasmo, nova vida !

Oh paraizo, oh alma da existencia ,  
Nigtheroy, Nigtheroy , materno berço ,  
Que commoção me causas ! A tua vista  
No peito o coração se me dilata,  
E turbilhocens de ideias e lembranças  
Caras da cara infancia me assalteiam !  
Recordaçoens, ah vinde, apresentae-vos ,  
A minh'alma, e esses dias retractae-me  
Em que n'estas serenas, bellas plagas  
Vivi feliz de amigos rodeado,  
Entretido da infancia nos folguedos ;  
Vinde, recordaçoens, meigas saudades,  
Ao vate amigo consolar uma hora !

Linda irman, caro irmão, vamos, déixemos  
Este vale formoso, testemunho  
Dos prazeres singelloz que fruimos  
Da vida na estação innoxia e pura,  
E este subamos picturesque monte.

Que scena para os olhos ! — Como alegres  
Estes vales não são, estas montanhas,  
E os longes serros que nos ceos se perdem ,  
E se dilatam per estensos plainos !  
Que vasto mar, assetinado e quedo,

Sereno reflectindo a cor mimosa  
Do ceo azul e rubido horisonte !  
Ja la vaidoso o sol entre mil nuvens  
De jasmims e de rosas matizadas,  
Se esconde ; aqui resurge a muda noite ,  
O occidente toldando de atras nevoas ;  
Brincoens fovonios placidos adejam,  
As grimpas das florestas encrespando ;  
Ondula a flor no vale, a flor mimosa  
Que ao fulgir da manhan desabrochara  
O niveo seio que lhe enrubeceram  
Os queimores do sol. Regatos bordam  
Com trepido sussurro o verde prado.  
Oh poesia, enlevo da existencia,  
Aqui te reproduzes , aqui fallas  
Eloquente qual és, qual és donosa !  
Oh poesia, enlevo da existencia,  
Estes teus quadros são, estes me incantam !

Que scena para os olhos ! — Que belleza  
Em torno a nós a natureza ostenta !  
Como o dedo do Eterno se revela  
Em tudo quanto existe ! Como é grande ,  
Incomprehensivel, magestoso, eterno  
O poder de seu braço ! A um acceno  
Surgiu do nada um universo immenso !  
Mas um atomo so bastante fora  
Para nos revelar sua existencia !  
E o homem nasce, e em pranto involto vive ,

E em pranto involto á sepultura desce,  
Sem as scenas gozar da natureza!

Da civilisação ao sancto acceno  
Ruem per terra, oh Nigtheroy, teus bosques,  
E se elevam custosos edificios,  
E templos ao Senhor. Estas planices  
Mattas ja foram, feras abrigaram,  
Conquistou-as de pos selvagens tribus,  
Que á espada do Europeu desapareceram!

Nigtheroy, Nigtheroy, insonte ainda,  
Ermo de culpa, de paixoens isempto,  
Descorri tuas plagas, varei bosques,  
Vinguei difficeis montes! La verdejam  
Os mangueirae n'aquelle fundo vale,  
D'em torno o ambiente rescendendo  
De gratos, suavissimos odores!  
Tardes que ahi passei inda pranteio,  
Inda suspiro cheio de saudades;  
Lá está o monte que galgava a custo  
Ao alvorar a manhan, a ver no oriente  
O levantar do sol bello e pomposo,  
Dourando o cume dos subidos serros.

Não vos lembraes, irmaons? Ah esses foram  
Dias felizes, — ja la vão, — passaram,  
Quaes relampos de noite tormentosa;  
Morreram para sempre, — ai tudo morre!

— A linda, a virgem flor, que desabrocha,  
 Exhalando odoríferos effluvios ;  
 — O arbusto, que de um a outro outomno  
 Os ramos curva ao pezo do seus pomos ;  
 — A avesinha, que, o ninho abandonando,  
 Modula alegre harmonisando as selvas ;  
 — O insecto, que adeja sussurrando ;  
 — A chamma, que crepita e lavra intensa,  
 Fenecem, murcham, enlanguecem, morrem !  
 E o tempo tambem se esvae veloce !  
 É tudo um sonho a quem da sepultura !  
 De pompas vans, de transitorias glorias  
 E meigas illusoens se veste a vida ;  
 So não é illusão, nem sonho a morte,  
 Nem se reveste de fallaces trajos !

Vamos ; sigamos. — Ja fenece o lyrio  
 Com a ausencia do sol ; desmaia a rosa  
 E em breve cairão no fundo vale ;  
 Sopro de briza os levará..... Aonde ?  
 — Aonde tudo vae, — do nada á campa !  
 Vamos ; vamos. — Per esse caminhemos  
 Abaulado de monte. Como é bello  
 Este cajueiral ? Como de rubro ,  
 Verde e amarello todo se réveste !  
 Que tam suaves balsamos espira !  
 Tremem aos passos nossos, e se quebram  
 Em pó essas myrrhadas , seccas folhas ;  
 Vigor lhes deu a terra, e ellas a terra

Vigor retribuirão! Ai de nós outros,  
 Vegetaes, que no mundo florecemos,  
 E d'elle hemos vigor e alimento!  
 Da escura, inevitavel morte o sopro  
 Nos prostrará e em breve nossas cinzas  
 Alimento serão de novos seres!  
 Tudo o que nasce, nasce para a morte  
 Tudo o que morre, morre para a vida!  
 Irrevogavel lei impoz ao mundo  
 Essa reproducção..... Vamos; marchemos

La está o sacro e venerando templo  
 Da immaculada Virgem, cuja imagem  
 A taes praias trouxeram curvas oudas;  
 Alli..... sim!.... O coração e a alma!  
 Alli..... sim!.... Nosso espirito subimos  
 A Deus, a Deus orando pola patria,  
 Polos nossos irmaons e paes prezados;  
 Sob suas abobadas sagradas  
 De Montalverne as vozes reboaram;  
 Eu as ouvi! — Meu peito brasileiro  
 Em rapto de prazer se engrandecera,  
 Que amor de liberdade, amor da patria  
 Suas vozes no peito me enclaustraram.  
 Eu as ouvi! — No pulpito elevado,  
 Torrentes de eloquencia desprendendo,  
 Silencio e pasmo a multidão impondo,  
 As da Virgem exaltou sacras virtudes!  
 Aquellas portas, que somente se abrem

Para os finados, e per elles fallam,  
 Sempieterna verdade apregoando  
 A geração presente, aquellas portas  
 Rangeram sobre carcomidos gonzos  
 Ao som terrivel de sagrados psalmos,  
 E ao funebre tanger do aereo bronze . . .  
 Quando se abriram ao lugubre cortejo  
 Que a nossa mãe..... eterno poiso dera  
 N'ultimo leito d'homem, e ahi jazeram  
 Cinzas suas— não mais, — que alem descãsam.

Alli seu tumulo jaz, aqui seu berço!  
 Oh ainda entre erguidos edificios  
 Tens incantos p'ra nós, tens attractivos,  
 Habitação tranquilla da innocencia,  
 Bronca choupana de tecidos ramos!  
 Porem o ribeirão, a cujas ondas  
 Em fragil, leve lenho me entregava?  
 O tempo o consumiu, não mais existe;  
 Seccam-se rios, se subterram montes,  
 Ilhas se afundam villas desaparecem,  
 E gerações se extinguem;— tudo morre!

Vamos, vamos. — À noite se aproxima;  
 Não mais refulge o sol, alem descamba,  
 E inda são rubras do oppoente as nuvens,  
 Pois bem asinha tudo será trevas;  
 Assim dura dos homens a lembrança  
 Alem da morte; mas o tempo passa,

É com elle a lembrança esvae-se . acaba ;  
 O homem nascer, morrer — e morrer todo . . . . .  
 Mundana pompa, blazonada gloria,  
 Como cores de nuvens, se esvaecem,  
 E só de Deus a gloria eterna vive!

Oh como prosperando a frente eleva  
 A tosca aldeia do Indiano ousado!  
 E nem si quer o nome, por memoria,  
 Tem de seu fundador; nem uma pedra,  
 Uma pedra singella erguida ao genio,  
 Cujo valor fizera com que as Quinas  
 Tremolassem a cima do estandarte  
 D'esse Villegaignon, d'esse homem impio,  
 Que os proprios seus traiu! E elle existira?  
 Aqui viveu de fama rodeado?  
 Qu'é de a estatua que a patria consagrou-lhe?  
 —Nem uma ergueu-lhe! — Quem hi seu nome sabe?  
 —Poucos — e inda — menos — o repetem!  
 Morreu; — dormem com elle no sepulchro  
 Suas glorias, que a patria não as vinga;  
 Embora; embora! — A ingratição é sua!

Basta; voltemos. — Tudo é noite e sombras;  
 Veloce o dia foi! — Tarde, curvados  
 Ao pezo d'annos nós choral-o hemos;  
 E talvez, — quem o sabe? — ja não viva  
 Algum de nós; no ermo do sepulchro,  
 Quiçá, descanse em paz, ja pasto aos vermes!  
 La soa o sino; os echos magoados

Ao longe estão os dobres repetindo  
Triste e suavemente, hora é de preces ;  
Mudo silencio em torno de nós reina,  
Mas em torno de Deus retumba o hymno  
Que milhares de vozes cadenceiam ;  
Nossas vozes tambem a Deus subamos !

Adeus, sitios! Adeus, jardim formoso !  
Oh bella Nigtheroy, nós te deixamos,  
Té que a saudade nos pungindo o peito ,  
Nos obrigue outra vez a visitar-te !  
Tua lembrança nos será eterna,  
E eterna um dia viviraz na historia !



## XXVI.

### A PRIMEIRA PALAVRA.

Premier mot que murmure  
L'enfance faible et pure,  
Instinct de la nature,  
Echo secret du cœur,  
Mot que le ciel envoie  
A l'enfant qui l'emploie  
Pour exprimer la joie,  
Ainsi que la douleur!

GU. LAFONT.

Oh como sorrindo  
Estende os bracinhos,  
O infante innocente  
Da mãe aos carinhos,  
Da mãe ao amor!  
Que meigo offerece  
Os labios mimosos  
Aos beijos maternos,  
Almos, amorosos,  
Cheios de doçor!

Os crespos cabellos,  
Qu'aos hombros lhe descem  
Em aureos caxiuhos,

Os raios parecem  
Do fúlgido sol ;  
Nas faces rozadas  
Sorrisos serpejam,  
E os olhinhos bellos,  
Brilhantes lampejam  
Como igneo pharol.

Risonho e fagueiro,  
Abrindo os beicinhos  
Macios e rubros,  
Como os bagosinhos  
De grata roman,  
Do peito desata  
A voz meiga e pura,  
E todo innocencia,  
E todo candura  
Esclama : — Maman !

Oh voz suavissima,  
Tu és o estribilho  
Do hymno da infancia,  
Que tens d'ella o brilho,  
D'ella a singellez !  
Tu és o complexo  
De amor e candura,  
Qu'aos labios do infante  
Has toda a doçura,  
Has toda a lhanez !

Ah quando innocente  
Eu te repetia,  
Meu peito innundava  
Suave alegria,  
Extreme prazer!  
Mas hoje.... Oh destino....  
A meu coração  
Pezares, saudades,  
Tristeza, afflicção  
So podes trazer!....

A minha alegria  
De pressa fugiu;  
A paz de minh'alma  
Saudade extinguiu,  
A dor m'a roubou;  
Allivio tam doce  
A meu peito triste,  
A mãe, qu'eu amava,  
Ah naõ mais existe,  
A campa baixou!....



## XXVII.

### À ESPERANÇA.

Mon Dieu ! à quoi s'attacher en cette vie ! que  
d'absinthe pour quelques gouttes d'ambrosie que  
nous verse parcimonieusement le sort !

S. HENRY BERTHOUD.

Ai de mim, ave implume que abandono  
De minha infancia o berço,  
E ja pranteio males incessantes,  
Ja choro acerbas dores !

Parece que o rigor da irosa sorte  
Me seguirá constante,  
Sem que veja raiar sereno dia,  
E affagar-me a ventura.

Si ao menos a exp'riencia me guiasse  
No caminho da vida,  
Me afastando de inganos, precipicios,  
Oh consolar-me-hia !

Mas embalde ; — a exp'riencia só nos chega  
No fenecer da vida ;  
Ai de mim, ave implume que abandono  
De minha infancia o berço !

A fagueira, risouha primavera  
 De flores orna o prado;  
 A prodiga abundancia sobre a terra  
 A cornucopia entorna.

A paz celeste, ao som de gratos hymnos  
 Do ceo meiga descende,  
 E com seu riso o riso dos humanos  
 Alegres se confundem.

Que me importa? — Taes mimos gozar posso?  
 Posso acaso sorrir-me,  
 Quando meu coração de dor passado  
 Suspiros mil arranca?

Oh talvez que o avarento de mim zombe  
 Com mofador sorriso,  
 Vendendo-me desprezar os bens precarios  
 Que a fortuna me offerta.

Embora; — bens precarios o que valem  
 A humana flicidade?  
 Que vale a posse de opimos tributós,  
 Si a ventura nós foge? —

O lindo sabiá que deixa o ninho,  
 Em tanto amor formado,  
 Si ve sua nutriz cair ferida,  
 Á dor quasi succumbe.

Assim eu ; — venturoso reputar-me  
 No mundo mais não posso  
 Qu'hei visto a dura morte despojar-me  
 De tudo quanto amava.

Qu'hei visto a ausencia vir cruel lançar-se  
 Entre mim e os amigos,  
 E a saudade, fiel sócia da ausencia,  
 Amargurar-me os dias.

E nem si quer um sonho lisongeiro  
 Que a existencia me adoce,  
 E esse terno sorrir da alma ventura  
 Que a minha dor abrande!

Cansado de gemer, lasso de vida  
 Tam cheia de amargores,  
 Ja me auceia-o esperar que soe a hora  
 De abrir-se meu sepulchro!....

Dilicias dos mortaes, sancta esperanza,  
 Voa, vem consolar-me;  
 — Vem co'a ponta do manto, que te envolve,  
 Limpar-me o amargo pranto.

— Vem, da-me um teu sorriso, que me outorgue  
 Allivio a tantas penas;  
 — Vem no ferido coração verter-me  
 Teus balsamos suaves.



## XXVIII.

### A LUA.

Vem com tua luz serena  
Minha pena consolar.  
SILVA ALVARENGA.

Silencio! — Tudo é socego!  
Silencio! — Tudo adormece!  
Silencio! — O vento emudece!  
Silencio! — Nem bate o mar!  
Silencio! — Tudo é silencio!  
Vou minha lyra vibrar .  
Para ver se de meu peito  
Posso as penas abrandar.

Vem, oh astro rutilante!  
Vem, oh lua alma e fagueira  
N'est' hora tam lisongeira  
Ao vate teu inspirar!  
Silencio! Tudo é silencio  
Vou minha lyra vibrar,  
Para ver si de meu peito  
Posso as penas abrandar.

Que hora tam merencoria!  
Que doce, que grato instante!  
Ditoso do bardo amante  
Que chega tanto a gozar!  
Silencio! — Tudo é silencio!  
Vou minha lyra vibrar,  
Para ver si de meu peito  
Posso as penas abrandar.

Vem, oh astro rutilante!  
Vem, oh lua alma e fagueira,  
N'est' hora tam lisongeira.  
Ao vate teu inspirar!  
Silencio! — Tudo é silencio!  
Vou minha lyra vibrar,  
Para ver si de meu peito  
Posso as penas abrandar.

So eu jazo sobre a praia  
D'este lago adormecido,  
So eu, que triste, abatido  
Estou sempre a suspirar.  
Silencio! — Tudo é silencio!  
Vou minha lyra vibrar  
Para ver si de meu peito  
Posso as penas abrandar.

Vem, oh astro rutilante!  
Vem, oh lua, alma e fagueira

N'est' hora tam lisongeira  
Ao vate teu inspirar!  
Silencio! — Tudo é silencio  
Vou minha lyra vibrar,  
Para ver si de meu peito  
Posso as penas abrandar.

E ella dorme, e amor com ella,  
Pois é de amor o seu sonho.  
E so eu vélo tristonho,  
Sem alivio a pranteiar!  
Silencio! — Tudo é silencio  
Vou minha lyra vibrar,  
Para ver si de meu peito  
Posso as pena abrandar.

Vem, oh astro rutilante!  
Vem, oh lua alma e fagueira  
N'est' hora tam lisongeira  
Ao vate teu inspirar.  
Silencio! — Tudo é silencio  
Vou miuha lyra vibrar,  
Para ver si de meu peito  
Posso as penas abrandar!

---

# RECAPITULAÇÃO

DAS

## MATERIAS QUE CONTEM ESTE LIVRO.

Algumas palavras sobre este livro . . . . .	5
---	---

### BOSQUEJO DA HISTORIA DA POESIA BRASILEIRA.

Dedicatoria . . . . .	13
I Introducção . . . . .	15
II Primeira epocha . . . . .	21
III Segunda epocha . . . . .	23
IV Terceira epocha . . . . .	29
V Quarta epocha . . . . .	35
VI Quinta epocha . . . . .	41
VII Sexta epocha . . . . .	49
VIII Conclusão . . . . .	53

### MODULAÇÕES POETICAS.

Dedicatoria . . . . .	59
I Ao sol. . . . .	61
II A meu mestre . . . . .	68
III O malmequer . . . . .	73
IV Saudação . . . . .	76
V Ao joven vate . . . . .	79
VI A Jonio Americano . . . . .	81
VII Despedidas . . . . .	84
VIII A' guerra . . . . .	87
IX O genio . . . . .	97
X Resposta . . . . .	101
XI Confissão . . . . .	105
XII A fortuna . . . . .	107
XIII A' Irilia . . . . .	111
XIV O poeta desgraçado . . . . .	114

XV A' Alegria . . . . .	115
XVI A' minha infancia . . . . .	120
XVII E eu te amo ! . . . . .	123
XVIII A inconstancia. . . . .	125
XIX Lagrimas e flores . . . . .	128
XX A meu amigo. . . . .	131
XXI A meu amigo . . . . .	131
XXII Que farei por te abrandar ? . . . . .	135
XXIII A minha avó materna . . . . .	141
XXIV Conselho amoroso. . . . .	142
XXV Uma tarde em Nictheroy . . . . .	147
XXVI A primeira palavra . . . . .	156
XXVII A esperanza . . . . .	159
XXVIII A' lua . . . . .	162



Em maior numero eram as poesias destinadas a este livro, mas a sua publicação já vae demorando e força é suspendermos aqui a sua *composição*; pelo mesmo motivo omittimos a lista dos subscriptores, e a *corrigenda* de alguns erros, certos na benevolencia dos leitores.

FIM.









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).